

A 31/9 settembre 1998

Liahona





**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA**

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE**

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hincley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

**COMITÊ DE
SUPERVISÃO**

James E. Faust
Paul H. Dunn
M. Russel Ballard

EDITOR

James E. Faust

**EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE**

Larry Hiller,
Editor Gerente;
Verl F. Scott,
Gerente de Negócios;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

**EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»**

José B. Puerta,
Editor Responsável;
Maria Antônia Brown,
Redatora;
Moacir S. Lopes,
Supervisor Layout

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 2 Mensagem da Primeira Presidência:
A Imagem de Deus, Marion G. Romney
- 4 Como Ser um Pai de Tempo Integral, Orson Scott Card
- 8 Sacrifício Pelo Fogo, Thomas J. Griffiths
- 10 O Cirurgião de Joseph Smith, LeRoy S. Wirthlin
- 13 Os Melhores Dias de Sua Vida, Roy A. Parry
- 30 John Taylor: Uma Carta do Exílio
- 35 Pioneira Adolescente: As Aventuras de Margaret Judd Clawson,
Gordon Irving

PERGUNTAS E RESPOSTAS:

- 18 Robert F. Clyde
- 19 Marvin R. VanDam
- 21 Eugenia T. Herlin

SEÇÃO DAS CRIANÇAS:

- 23 Sou um Filho de Deus, Robert D. Hales
- 27 De Um Amigo Para Outro
- 29 Só Para Divertir

NOTICIÁRIO LOCAL:

- 41 Os Registros da Igreja Indicam um Crescimento Rápido
- 47 Conferência Mundial da Igreja Sobre Registros Planejada para 1980
- 48 Notícias da Igreja no Brasil



O primeiro templo da Igreja foi dedicado em 1836, em Kirtland, Ohio, onde a Igreja estava sediada. Usado durante apenas dois anos, foi deixado para trás, quando a perseguição obrigou os Mórmons a saírem do Estado. O edifício ainda existe, mas não é mais de propriedade da Igreja.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

À Imagem de Deus

Presidente Marion G. Romney

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



“**N**o princípio criou Deus os céus e a terra...

E fez Deus as bestas-feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a.” (Gênesis 1:1, 25-28.)

Esta é a maneira pela qual estabeleceu o Senhor o primeiro relacionamento entre marido e mulher. Como tais, as pessoas foram criadas à sua imagem, macho e fêmea. Foram unidos, como se fossem um — cada um sendo parte do outro. Ele os instruiu a ambos. A linguagem que utilizou aplicou-se a ambos. No Senhor, o homem não existe sem a mulher, e nem a mulher sem o homem. (Vide 1 Cor. 11:11.)

Marido e mulher não devem esquecer jamais essas verdades básicas. Devem lembrar-se de seu relacionamento e propósito.

Devem ser um em harmonia, respeito e consideração mútua. Não devem jamais planejar ou seguir um curso de ação independente. Devem consultar-se mutuamente, orar e tomar juntos as decisões.

Na direção de sua casa e família, o marido e a mulher devem aconselhar-se um ao outro, em candura, amor, paciência e compreensão.

A progressiva deterioração dos padrões morais e as práticas pervertidas, tão comuns em nossa sociedade, não poderão, de forma alguma, penetrar em nossos lares, ou modificar nossos padrões ou relacionamento. Não podemos permitir que o egoísmo, as ambições pessoais, ou a vaidade de cada um enfraqueçam nossa unidade.

Lembrem-se de que nem a esposa é escrava do marido, nem o marido escravo da esposa. Maridos e mulheres participam em igualdade de condições, mormente maridos e esposas santos dos últimos dias. Ambos devem considerar-se assim, e tratar-se mutuamente nesta vida sob este prisma. Fazendo assim, o mesmo relacionamento continuará na eternidade.

Como já foi dito: “...o homem (não) é sem a mulher nem a mulher é sem o homem, no Senhor... nenhum homem pode ser salvo e exaltado no reino de Deus sem a mulher, e tampouco a mulher pode alcançar sozinha, a perfeição e a exaltação no reino de Deus... (Deus) fez o homem à sua própria imagem e semelhança, homem e mulher; e quando os criou, ficou designado que deveriam viver em união nos sagrados laços do matrimônio, e que um não poderia aperfeiçoar-se sem o outro.” (Joseph F. Smith, Conference Report, abril de 1913, pp. 118-19; vide Doutrina do Evangelho, p. 247.)

A mulher não é inferior ao homem. É verdade, porém, que o homem é o porta-

dor do sacerdócio, e que, no justo exercício dessa autoridade, preside sua casa. Isso ele faz, todavia, no mesmo espírito pelo qual Cristo preside sua Igreja. A esse respeito, o Profeta Joseph Smith instruiu os santos, usando palavras tiradas do Novo Testamento, como estas:

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor;

Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo.

De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.

Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.

Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra,

Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.

Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo.

Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja;

Porque somos membros do seu corpo.

Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne.” (Efésios 5: 22-31; vide Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 86).

“Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.

Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não vos irriteis contra elas.

Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor.

Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo.” (Colossenses 3: 18-21; vide Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 86).

O marido não pode usar arbitrariamente sua autoridade do sacerdócio, nem pode utilizá-la para ameaçar sua esposa.

Disse o Presidente Joseph F. Smith:

“Se houver qualquer homem que deva merecer a maldição do Deus Todo-Poderoso, é o homem que negligencia a mãe do seu filho, a sua companheira querida, alguém que sacrificou a própria vida, diversas vezes, por ele e pelos filhos. Isto é, supondo-se, logicamente, que ela seja esposa e mãe pura e fiel.” (Doutrina do Evangelho, pp. 284-285.)

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido.” (D&C 121: 41.)

Parece que, quando lemos esse texto, entendemos que a escritura se aplica ao portador do sacerdócio quando lida com outros homens. Porém, ela se aplica com aumentada ênfase, no que tange ao relacionamento do portador do sacerdócio com sua esposa.

“O Evangelho de Jesus Cristo é a lei do amor, e, amar a Deus com todo o coração e mente, é o maior mandamento e o seguinte é semelhante a esse: ‘amarás o teu próximo como a ti mesmo.’ (Ver Mateus 22: 37-39.) Isso... deve ser lembrado nas relações do casamento, pois, conquanto seja dito que os desejos da mulher serão os do seu marido, e que ele prevalecerá sobre ela (ver Gênesis 3:16), esse domínio deve ser exercido através do amor, não da tirania. Deus jamais governa com tirania, exceto quando os homens se tornam tão corruptos, que são indignos de continuar vivendo.” (Doutrina do Evangelho, pp. 248-249).

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.” (Gênesis 1:27.)

Esforcemo-nos, portanto, maridos e esposas, para continuarmos “... à sua imagem...”, vivendo a lei do Amor. Pois Deus é amor. (Vide I João 4:8.)

“**D**ou uma corrida em volta do quarteirão todas as manhãs, para manter a forma e, de vez em quando, meu filho de seis anos de idade levanta-se cedo também, para correr comigo. Ele não consegue correr a distância que corro, e, assim, vai até um certo ponto e me espera, e eu o alcanço na próxima volta. Conversamos enquanto corremos.”

“Meu filho já está na escola e tem uma pasta, na qual guarda todos os seus pertences de estudante. Às vezes, de manhã, nos sentamos juntos, para examinar sua pasta. Ele pega todos os materiais, e fala-me sobre cada um deles. Demora uns quinze ou vinte minutos cada vez, mas cada segundo é importantíssimo.”

“Viajo muito pelas cidades vizinhas, e ocasionalmente a cidades mais longínquas. Tais oportunidades longe de minha família seriam terríveis, não fosse pelo fato de que de vez em quando, levo um de meus filhos comigo. Quando ficam maiores, até os deixo dirigir o carro. Nessas horas que passamos juntos, reedificamos o que foi perdido enquanto eu estive muito ocupado durante a semana.”

Nesta época em que os pais ocupados parecem encontrar cada vez menos tempo para despender com a educação dos filhos, o que é um fator que solapa a unidade familiar, é encorajador encontrar pais assim, que se esforçam por encontrar horas e minutos preciosos em sua vida, para devotá-los àqueles pequeninos, que

Como Ser um Pai de Tempo Integral

Orson Scott Card



os contemplam, os amam, e necessitam deles.

Mais encorajador ainda é o fato de que esses pais são bispos — contados entre os homens mais ocupados da Igreja. São homens também muito bem sucedidos em suas carreiras. E ainda assim, eles e suas esposas decidiram que nenhuma dessas preocupações vitais interferiria com a satisfação das necessidades de seus filhos.

“Acho apenas que você precisa ser um pai mais ligeiro”, afirmou o bispo Robert M. Pixton, da ala dois de Orlando, Flórida. “E descobri que algumas coisas que eu teria feito sozinho há uns cinco anos atrás, faço agora com um ou dois de meus filhos. As coisas continuam sendo feitas — mas as crianças sabem que as amo, e que terão sempre uma oportunidade de estar comigo.”

Esta parece ser a chave do sucesso desses pais com seus filhos: aproveitam ao máximo o pouco tempo livre de que dispõem; e envolvem seus filhos o máximo possível durante as horas que não são livres.

COMO SER UM PAI MAIS LIGEIRO

“Quando vejo no calendário que haverá uma noite livre”, afirma o bispo John F. Irwin, da ala dois de Detroit, Michigan, “tento conservá-la livre — assim, posso ficar em casa. As noites em que estou ocupado seriam menos cansativas, suponho, se eu limitasse a quantidade de tarefas por noite. Mas, fazendo mais coisas em menos noites, disponho de mais noites livres em casa, para passar com a esposa e os filhos.”

Esquematizar o tempo é muito importante. Toda vez que me fazem a pergunta: “Como você encontra tempo para os filhos?”, a resposta que me vem à mente é: “É claro que a noite familiar é sagrada.”

“Ninguém nos visita às segundas-feiras à noite”, disse o bispo Ara Call, da ala dois de Santa Clara, Califórnia. “No domingo em que fui apoiado bispo, levan-

tei-me e disse aos membros da ala que na segunda-feira à noite, eu não estaria disponível, a menos que houvesse uma emergência.”

Entretanto, a noite familiar é apenas o ponto de partida. “Todas as semanas entrevisto meus filhos”, foi o que muitos disseram. E alguns deles ressaltaram que, enquanto algumas dessas entrevistas tinham uma natureza espiritual, outras eram de natureza mais prática. “Falamos sobre notas, trabalho escolar, os amigos, os passatempos — qualquer assunto em que estejam interessados. A coisa é tão interessante, que eles chegam a perguntar: ‘Papai, quando é que posso ter uma entrevista?’”

O bispo Todd Christofferson mantém as entrevistas mais informais: “Durante essa entrevista semanal, fazemos o que eles desejam. Geralmente, terminamos conversando — mas se eles quiserem minha ajuda para montar um aeromodelo, ou simplesmente bater uma bola no quintal, fazemos isso.”

“Se você se esforçar o suficiente”, diz o bispo Richard P. Halvorsen, da ala dois de Overland Park, Kansas, “você realizará muito em apenas meia hora. Não é preciso muito tempo para ser um amigo. Agora, pare e observe seus amigos mais chegados. Eles não precisaram gastar horas e horas com você para demonstrar seu interesse. Apenas alguns minutos, ou alguma forma de comunicar à pessoa que ela é especial — embora isso não elimine a necessidade de se despendar períodos mais longos juntos, de tempos em tempos.”

O tom da voz é de especial importância. Tento nunca parecer impaciente ou apressado — descobri que não leva mais tempo prestar atenção ao que meus filhos têm a dizer do que levaria para explicar-lhes por que o papai não tem tempo de ouvi-los agora.

O Presidente Jack L. Green, do Ramo de Sterling Park, Virgínia, descobriu outro problema: eram seus filhos adolescentes que não tinham muito tempo para

ele. Uma solução? “Coloquei-me à disposição deles, o máximo possível oferecendo-me para levá-los e a seus amigos aos bailes ou atividades. Dessa maneira, eu tinha tempo para estar com eles, conhecer seus amigos, e escutar suas conversas. Assim, quando converso com eles depois, sei que são os jovens sobre os quais estão falando.”

Com as crianças pequenas, diz o presidente Green, “acho que o tempo disponível, logo após eu chegar do trabalho é o melhor. O jantar ainda não está pronto, e as crianças pequenas ficam ansiosas pelo momento em que o papai chega em casa. Assim, carrego-os no colo ou faço algo com eles, por alguns instantes”.

E o bispo Pixton encontrou outra oportunidade ideal: a hora de ir para a cama. Sua esposa, Bárbara, diz: “Quando ele está em casa à noite, geralmente passa o tempo todo colocando as crianças na cama, uma por uma. É um processo lento — ele conversa com cada uma durante muito tempo. Eu não gasto tanto tempo com cada um, assim, individualmente. E ele às vezes toca piano para os menores, e eles dançam. Eles adoram isso.”

“Sou um felizardo”, diz o bispo Milo LeBaron Jr., da ala quinze de Mesa, Arizona. “Tenho um tipo de trabalho que me permite empregar meus próprios filhos, em tempo parcial. Isso tornou aqueles dez minutos no carro, regressando ao lar, muito preciosos — apenas eles e eu no carro, e nós conversamos durante aqueles minutos.”

E existem as férias. Seja acampando, viajando, ampliando a casa, ou fazendo algo no lar, as férias são, geralmente, oportunidades para a família. O bispo Lloyd D. Wilson, da ala Pacífica, na Califórnia, é um aficionado de acampamentos e da pesca — mas também encontrou um modo singular de passar as férias. “Há alguns anos atrás, tomei meu filho mais velho que terminava o segundo grau, meu segundo filho, e um amigo deles, e fomos de bicicleta, desde Ely,

Nevada, até o Colorado. (N.T. — aproximadamente 810 km.) Isso levou vários dias — quando ficávamos cansados, parávamos. Mas houve dias em que viajamos mais de 225 quilômetros. Planejamos tudo juntos e significou muito para nós.

FAZER OS NECESSÁRIOS AJUSTES

Há ocasiões, todavia, em que mesmo a programação mais cuidadosa é interrompida. Uma viagem de negócios de oito dias; um aumento de vendas na loja, que exija horas extras; a época de colheitas; trabalho em turno — tudo isso pode fazer com que um pai permaneça fora de casa muito tempo seguido. E, a menos que saia do emprego, não há nada que ele possa fazer!

“O que fez de certo?” perguntei ao Presidente Robert C. Witt, da estaca de Midland, Michigan.

“Escolhi uma boa esposa”, respondeu-me ele. E esta é, quase sempre, a chave do sucesso de um pai ocupado. Nada pode tomar o lugar do pai em casa —

“Não leva mais tempo
prestar atenção
ao que meus filhos têm
a dizer do que
levaria para explicar-lhes
por que o papai não
tem tempo de ouvi-los agora.”

mas quando as exigências de trabalho ou o chamado na Igreja afastam o pai dos filhos por algum tempo, a atitude da mãe faz uma grande diferença.

A esposa de um bispo comentou: “Quando meu marido se tornou bispo,

foi muito difícil para mim, pois, repentinamente compreendi que tinha todo o trabalho do quintal para fazer, além das tarefas dentro de casa. Ele não estava por perto, e eu tinha de fazê-lo." Seu marido concordou: "Isso exigiu demais de minha mulher. Mas também trouxe uma grande responsabilidade sobre mim. Tive que me lembrar de que, se ao chegar em casa, encontrasse os pratos do jantar da noite anterior ainda por lavar, a sala de visitas uma verdadeira bagunça, e a grama por cortar, eu não poderia nunca, nunca fazer uma reclamação. Em vez disso, deveria pôr mãos à obra e ajudar — e fazer com que alguns dos filhos ajudassem, também. Minha mulher nunca reclama do que eu faço; por que iria eu reclamar dela?"

O bispo Halvorsen acredita que é preciso cuidado para não influenciar negativamente as atitudes dos filhos em relação às ausências do pai.

"Tenho muito cuidado para não dizer, por exemplo: 'Papai não pode brincar com vocês, porque precisa ir a uma reunião na Igreja.' Não quero que se resintam contra a Igreja, por manter seu pai afastado de casa. O que faço, em situações assim, é despendar alguns minutos com eles, começar um jogo ou brincadeira, e depois dizer-lhes que preciso sair. E não digo apenas que vou a uma reunião — digo-lhes para que serve a reunião, e por que é importante.

"O fato de dizer-lhes alguns pormenores sobre minha ausência, faz com que compreendam melhor. E porque despendo alguns minutos brincando com eles, entendem que desejo estar com eles. Eles não se sentem menosprezados ou ignorados."

A atitude da esposa e dos filhos é fator importante para compensar as freqüentes ausências de um pai ocupado. Mas de igual importância é a atitude do próprio pai.

"Existem homens onde trabalho", disse um professor universitário que é também

bispo de uma das alas da Califórnia, "que se orgulham do número de horas que trabalham, além do normal. As luzes de suas salas estão acesas sempre até altas horas da noite. Frequentam a biblioteca a toda e qualquer hora. Seus artigos são publicados regularmente. Estão sendo bem sucedidos em sua profissão." Mas pagam um preço. "Dizem-me que fazem isso por sua família — mas, ainda assim, vejo muitas coisas que parecem invalidar essa afirmação."

O pai SUD, não importa quão ocupado seja nos chamados da Igreja e nas exigências de sua profissão, deve conhecer suas prioridades. É claro que ser bem sucedido na profissão é algo desejável. E o Senhor também espera que façamos o máximo nos chamados que temos na Igreja. "Mas nada precede minha família", afirma o bispo Robert E. Sorensen Jr., da ala de Linda Mar, Califórnia. "Há pessoas que desejam que eu coloque meu trabalho em primeiro lugar. Mas o trabalho vem em terceiro lugar, depois da família e da Igreja. E as pessoas em meu trabalho compreendem isso agora. Cuido bem de minhas obrigações, e não largo meu serviço, nem fico adiando minhas tarefas — nunca fui repreendido. Mas eles compreendem que não me verão no escritório aos sábados — nesses dias estarei com minha família e minha ala. E isso se aplica mais ainda aos domingos."

Muitos desses homens ocupados mencionaram a surpresa manifestada pelos colegas de trabalho, ao saberem que, para eles, havia algo mais importante que ser bem sucedido e ganhar muito dinheiro. Mas não houve muita hostilidade. "Afinal de contas", disse um bispo, "meu chefe e meus colegas também têm família. E, passado algum tempo, observei que ficavam em casa mais tempo também. E, por incrível que pareça, o mundo não acabou, quando eles pararam de trabalhar sessenta horas por semana! De fato, é quando o mundo começa — quando você está em casa com a família."

SACRIFÍCIO PELO FOGO

Thomas J. Griffiths



Qualquer um que passasse pela cabana de Emrys Davis naquela noite de outono teria parado para sentir o aroma que saía da chaminé. Era diferente do cheiro comum de fumaça de carvão. E, se tivessem olhado dentro da cabana, teriam visto um incidente quase inacreditável.

Em primeiro lugar, porém, familiarizemo-nos com o senhor Emrys Davis. Ele nascera, e ainda vivia numa pequena aldeia do País de Gales, cujo nome apenas os galeses conseguem pronunciar. Sua vida era extremamente pacata. Trabalhava como funcionário em uma mina de carvão perto de sua casa, e diversas noites por semana ia ao bar para beber uma cerveja e ver os outros aldeões, que jogavam bilhar ou atiravam dardos.

Havia algumas noites em que ia para casa e lia sua Bíblia, pois, no íntimo, Emrys Davis era um homem religioso. Havia sido abordado certa ocasião, pelo ministro de uma igreja local, e convidado para filiar-se a ela. Ele irritou muito o ministro, dizendo-lhe que seus sermões eram “conversa fiada”, e que não estavam de acordo com as escrituras. Isso acontecera havia muitos anos, e, de lá para cá, não houve mais convites.

Uma tragédia abalou-lhe a vida, quando sua esposa amada, com quem estava casado havia apenas dois anos, faleceu por ocasião de um parto. De alguma forma, porém, não podia crer que ele e Gwyneth, sua esposa querida, estivessem separados para sempre.

Certa noite, enquanto estava sentado perto da lareira, lendo a Bíblia, bateram à porta. Ao abri-la, encontrou dois jovens. Antes que pudesse perguntar o que desejavam, um deles adiantou-se e disse: “Somos missionários da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Gostaríamos de falar-lhe sobre nossa Igreja e sua doutrina.”

Emrys Davis estava quase para fechar-lhes a porta à cara, imaginando que seus ensinamentos seriam mais “conversa mole”, quando resolveu dar uma olhadela melhor naqueles rapazes. Havia algo de diferente neles, que não podia compreender bem. Ele viu veracidade, franqueza e coragem em suas faces.

Lutando contra sua obstinada índole de galês, ele ouviu-se dizer: “Entrem.” Enquanto as chamas da lareira lhes iluminavam o rosto, os dois jovens contaram-lhe a história que fez com que sua Bíblia ganhasse vida. O que ele havia pensado ser apenas mais “conversa fia-



da", era algo que lhe afetava todo o ser. Os rapazes saíram de sua casa à meia-noite, recebendo um sincero convite para retornar.

Voltaram depois de algumas noites, e continuaram as explicações do evangelho. Chegou então a noite mágica em que as orações de seu coração foram respondidas. Os missionários explicaram-lhe a lei do casamento eterno, e que ele e sua esposa falecida poderiam ser reunidos, após aceitarem e seguirem os ensinamentos do evangelho, e serem selados no templo do Senhor.

Toda sua alma pareceu reviver, e ele sabia ter encontrado a verdade. Entretanto, havia um empecilho antes que pudesse ser batizado: ele amava seu tabaco. A cerveja do bar não seria um problema, mas durante anos, havia colecionado vários cachimbos, para fumar. Ele possuía desde "briars" (de raízes especiais), "meerschaums" (de barro), até cachimbos importados. Eram parte de sua vida.

Ele havia solicitado o batismo, mas agora pensava se teria coragem de sobrepuzar esse hábito. Os cachimbos estavam colocados em uma caixa de vidro, forrada. Estavam ali, como que contemplando-o, como um ídolo buscando adoração.

Naquela noite, ele ajoelhou-se ao lado da cama, e orou pedindo uma resposta. Quando a manhã rompeu sobre os montes do País de Gales, sua resposta veio. O Senhor dissera através de seu profeta que o tabaco não é bom para o homem (vide D&C 89:8), e que o Espírito de Deus não habitaria num tabernáculo impuro.

No domingo seguinte, depois da reunião sacramental, Emrys Davis convidou os membros de seu ramo para visitarem sua cabana. Ele havia feito bolos galeses e limonada, e depois de servir os convidados, solicitou-lhes um minuto de atenção.

"Durante algum tempo", disse ele, "enfrentei um problema difícil; mas, hoje à noite, enquanto cantávamos o último hino, consegui resolvê-lo. A letra falava que o sacrifício traz as bênçãos dos céus." Ele explicou o problema dos cachimbos.

Ao terminar, tomou da caixa de cachimbos. Um a um foram lançados ao fogo e devorados pelas chamas.

Ao seu lado estavam os missionários, e atrás, os membros do ramo. Do lado de fora, o ar recendia a fragrância dos "briars" e "meerschaums", mas dentro havia o Espírito de Deus.



O Cirurgião de Joseph Smith



LeRoy S. Wirthlin

Os membros da Igreja ficam comovidos com a história da coragem de Joseph Smith, que, aos oito anos, teve uma séria infecção no osso da perna, e a amputação parecia ser o único remédio. Lembramo-nos de seu desejo de suportar a dor de uma operação, sugerida pelo médico como alternativa, seguro nos braços do pai, ao invés de aliviar seu sofrimento bebendo álcool. Como cirurgião, tenho sempre pensado sobre essa operação de Joseph Smith, e particularmente sobre os médicos que conseguiram realizá-la com sucesso.

E além de tudo, isso ocorreu em 1813, na área mais rural de New Hampshire. A infecção do osso de Joseph (osteomielite)

seguuiu-se a uma febre tifóide que atingiu todos os filhos do casal Smith. Naqueles dias e até a descoberta dos antibióticos, neste século, a osteomielite era um problemas devastador. Desde os dias de Hipócrates, na Grécia antiga, o método padrão de tratamento era a simples aplicação de ungüentos e emplastros sobre a carne inflamada. Isso não produzia quase efeito algum: quando a infecção ocorre no osso, longos segmentos da medula óssea fenecem, e o corpo, fazendo nascer nova superfície óssea, encasula o material morto dentro do vivo. Inevitavelmente, o osso morto separa-se e fica no centro da cavidade de um abscesso, purgando continuamente ou espalhando



a infecção a outras partes do corpo, causando a morte. Geralmente, nos estágios finais, a perna tinha de ser amputada.

Em 1874, as técnicas de operação do osso, para remoção de fragmentos mortos, e drenagem exterior foram descritas e largamente aceitas. Esta operação, conhecida como seqüestrectomia, tornou-se procedimento padrão após a Primeira Guerra Mundial.

Isso foi um século depois. Mas aqui se encontra a descrição feita por Lucy Mack Smith, quando da operação realizada em 1813:

"Os cirurgiões começaram a operação, perfurando o osso da perna, primeiro num dos lados onde estava afetado, depois no outro lado, quebrando-o com um par de fórceps ou alicate. Dessa maneira, retiraram grandes partes do osso."

O que Lucy Smith está aqui descrevendo é a técnica que se tornou conhecida em 1874! Como poderia tal feito cirúrgico ser possível, sessenta anos antes de seu aparecimento, na pequena comunidade de Lebanon, New Hampshire?

A resposta é tal, que os Santos dos Últimos Dias dificilmente chamariam de coincidência. Num lançamento pouco divulgado, feito na Manuscript History of the Church, Joseph cita os nomes de seus médicos: "Smith, Stone e Perkins", da Escola de Medicina Dartmouth, de Hanover, New Hampshire, situada a oito quilômetros da casa da família Smith.

Esses não eram os médicos comuns, mal preparados que tão comumente se encontravam naqueles dias. Nathan Smith, formado pela Faculdade de Medicina de Harvard, em Cambridge, Massachusetts, único fundador da Escola de Medicina Dartmouth, e que fundaria mais três faculdades de medicina na Nova Inglaterra, era também presidente da Sociedade Médica de New Hampshire, e antes de tratar de Joseph Smith, aceitou a posição de primeiro professor de medicina e cirurgia da Faculdade de

Medicina de Yale, em New Haven, Connecticut. Ele havia retardado sua mudança para New Haven, para poder cuidar das vítimas da epidemia de febre tifóide de 1813, nas comunidades vizinhas a Hanover, New Hampshire.

Cyrus Perkins foi ex-aluno de Nathan Smith e formado pela Escola de Medicina Dartmouth. Perkins havia retornado posteriormente àquela área, para tornar-se professor de anatomia e juntar-se a seu ex-professor na prática médica.

Stone também foi, provavelmente, um ex-aluno de Smith: as antigas listas de chamada da Escola de Medicina Dartmouth alinham vários Stones.

E mais significativo ainda, Nathan Smith foi um dos maiores médicos da América, naquele século, e, sozinho, projetou uma operação de osteomielite em 1798, cujo trabalho publicou em 1827, e que não foi usado durante duas gerações. Em outras palavras, muito avançado para sua época, ele era o único homem na América que poderia ter salvo a perna de Joseph Smith.

Sem uma formação superior, Nathan Smith, serviu como aprendiz de um médico do interior durante três anos, para então começar sua própria prática em Cornish, New Hampshire. Insatisfeito com sua preparação, matriculou-se na recém-fundada Faculdade de Medicina de Harvard, três anos depois. Foi o quinto aluno formado pela escola e, retornou à sua prática no campo em 1790.

Ele sentia que sua missão era melhorar os padrões médicos e a eficiência entre seus colegas também. Fez uma petição aos responsáveis pela Faculdade de Dartmouth, para que estabelecessem uma Escola de Medicina, e passou um ano em Edimburgo, Escócia, reunindo equipamento, livros e experiência clínica. Seu discurso inaugural, em 1797, foi o início da Faculdade de Medicina de Dartmouth.

Durante treze anos, ensinou sozinho anatomia, química, cirurgia, alopatia, e a

teoria e prática da medicina, até que o congresso de New Hampshire permitiu a Perkins que se juntasse a ele como professor de anatomia, em 1810.

Nenhum deles recebia salário, por ensinar: apenas as mensalidades pagas pelos alunos e o exercício da medicina constituíam sua renda. Já que o dr. Smith havia treinado vários dos médicos na parte norte da Nova Inglaterra, era consultado em muitos casos difíceis, o que significava, às vezes, viajar mais de 160 quilômetros a cavalo, em estradas ruins e poeirentas. Ele convidava, como rotina, de dez a vinte desses alunos para acompanharem-no nessas viagens, como parte de seu treinamento.

Este padrão se repetiu no caso de Joseph Smith. Após o Dr. Stone haver realizado duas operações sem sucesso na perna doente de Joseph, sua mãe insistiu em obter outra opinião, e requereu uma "junta médica". Nathan Smith, seu colega Cyrus Perkins, e os alunos de medicina de Dartmouth vieram realizar a necessária cirurgia.

A princípio, foi sugerida uma amputação: Lucy Mack Smith, em vez disso, pediu que fosse feita uma operação experimental para a remoção apenas do osso doente. Sua descrição do procedimento é exata, e igual à descrição da

operação encontrada nos cadernos dos antigos alunos de medicina de Dartmouth.

A operação foi bem sucedida, e as feridas de Joseph curadas. O fato de a ferida com a parte exposta do osso ter sido curada tão rapidamente é, na verdade miraculoso; entretanto, Nathan Smith conseguiu um registro incomum de bons resultados — ele jamais descreveu uma amputação em seguida a uma sua operação. Joseph usou muletas durante três anos, mas sua vida e sua perna foram salvas.

Depois da epidemia (de febre tifóide) e da operação, tanto Nathan Smith como Joseph Smith deixaram New Hampshire. Nathan Smith, para ocupar sua cadeira de professor na Faculdade de Medicina de Yale, e Joseph, para retornar a Vermont por três anos, antes de se mudar para Palmyra, onde, posteriormente, começaria sua grande obra.

É difícil chamar de mero acaso — um rapaz resoluto e corajoso o bastante para recusar uma amputação, a despeito de duas operações mal sucedidas; uma mãe que requereu o procedimento experimental, sem saber que Nathan Smith era o único cirurgião nos Estados Unidos que já tivera uma experiência bem sucedida no tratamento da osteomielite; e a conjugação correta entre o homem certo e o momento exato.

“Nunca vi minha mãe e meu pai tão felizes como no dia em que fomos ao templo, como família. Todos nos ajoelhamos em volta do altar, dando-nos as mãos, e pensamos: “Esta é a coisa mais maravilhosa que poderia acontecer — somos uma família para sempre!”

— “O dia em que fomos selados no templo foi quando realmente me apaixonei por meu marido”.

— “O dia em que fomos ao templo para sermos selados por toda eternidade

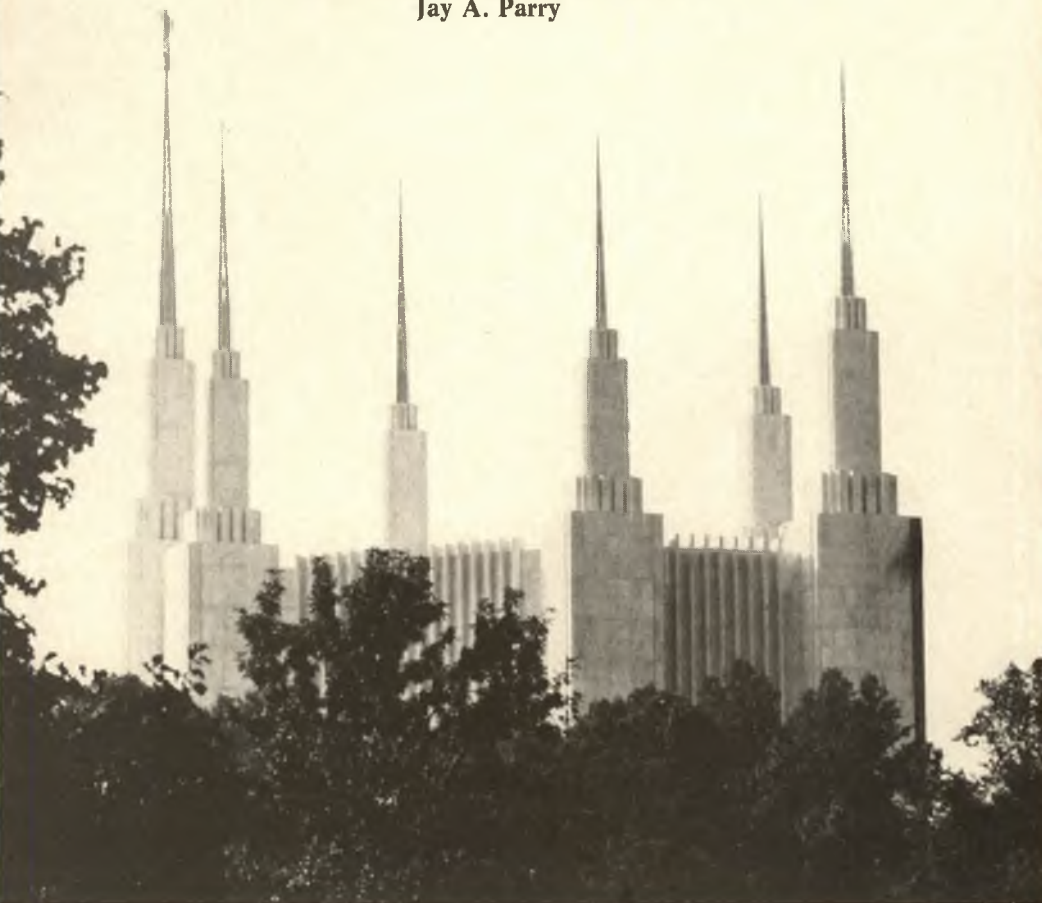
foi realmente o mais glorioso de nossa vida, um dia que compartilharemos e consideraremos querido para sempre.”

— “Desde o momento em que entramos naquele edifício sagrado para sermos selados, os sentimentos de paz e serenidade foram muito maiores que as nossas forças. Nunca antes nos sentimos tão unidos um ao outro e com nosso Pai Celestial.”

A cada ano, os sonhos de muitos santos tornam-se realidade: juntamente com seu companheiro (marido ou esposa) com

OS MELHORES DIAS DE SUA VIDA

Jay A. Parry



quem já eram casados para o tempo, são selados no templo por todo o tempo e eternidade. Alguns deles são membros que nunca tinham sido realmente ativos. Alguns haviam se casado com não-membros. Outros não puderam ir ao templo durante anos, por causa de um mau hábito.

Como se percorre o caminho, desde o ponto de ser um não-membro, ou ser um membro inativo, ou ter um mau hábito, até a alegria que é encontrada no templo?

“Há alguns anos”, diz um membro, não pensava que pudesse existir algo mais importante que jogar ‘sinuca’, beber e fumar com os rapazes, e ficar longe de casa. Hoje não posso compreender como fiz algumas dessas coisas. Quando nos mudamos para o Texas, as coisas não se modificaram muito. Eu não freqüentava a Igreja, e não me importava muito com religião. Um dia minha mulher foi até nosso bispo e pediu-lhe ajuda. É claro, ele entregou o problema nas mãos do presidente do meu quorum de élderes, que orou a respeito do assunto e decidiu que ele mesmo seria meu mestre familiar. Então, aconteceu algo estranho. Quando ele veio fazer a primeira visita em nossa casa, deixei-o entrar, não sei por que — eu nunca havia deixado nenhum deles entrar antes. Ele conversou como um amigo que realmente se importava comigo. Perguntou-me se gostava de esportes; aquela pergunta foi sensacional, porque eu gostava muito de esportes. Ele me disse que estavam jogando basquetebol, e pediu-me que me reunisse ao pessoal para jogar. Fiquei feliz em poder participar. Encontrar aqueles bons homens do time fez-me sentir como se os amigos que tinha nos bares, não fossem realmente amigos”.

Mas esse irmão ainda não freqüentava a igreja. Todos os meses, os mestres familiares convidavam-no para ir, e “todos os meses eu dava uma desculpa. Eu tinha medo de fazer a mudança. Mas o presidente nunca me deixou embaraçado ou envergonhado por causa de minhas

desculpas; eu estava sempre feliz e contente quando ele se encontrava em nossa casa. Então, meu pai morreu. Cheguei à conclusão de que havia passado quase a vida inteira desapontando-o, e comprometi-me a nunca mais desapontá-lo ou à minha mãe. No domingo seguinte, compareci à capela em Houston pela primeira vez. As pessoas receberam-me como se eu nunca tivesse sido inativo.”

Dali por diante, era apenas uma continuação a ser feita, em seu novo caminho para chegar ao templo, com sua esposa e filhos.

A vida de muitas pessoas muda de maneira calma e progressiva, quando elas sentem o amor de outros, ou enquanto lutam com o arrependimento.

Em 1972, um casal e seus seis filhos foram selados no templo. “Nunca tinha visto meu pai e minha mãe tão felizes como no dia em que fomos ao templo como uma família. Aquele dia feliz foi o clímax de mais de vinte anos de esforços”, relembrou uma das filhas. A esposa explica: “Cresci numa família SUD muito forte, mas casei-me com um não-membro, pensando que iria convertê-lo. Ele batizou-se na Igreja em 1953, mas descobri logo que fizera isso apenas para que eu parasse de insistir. Ele começou a fumar e a beber depois do batismo, e nunca havia feito isso antes. Acho que o amolei demais naqueles anos. Eu, muito auto-suficiente, levava os filhos à Igreja, e quando voltava para casa, brigava com ele, porque não havia ido.”

O que, afinal, causou a modificação? “Orei tanto naqueles anos, que nunca achava algum tempo para escutar a resposta do Senhor. E quando a escutava, ignorava-a. Finalmente, fiquei tão desesperada, que senti não haver outra escolha senão fazer as coisas à maneira do Senhor: “Você precisa amá-lo”, sussurrava-me o Espírito. “Deixe que ele progrida em sua própria velocidade.” Assim agi, e não demorou muito para que fôssemos ao templo.”

Ao mesmo tempo, o Senhor estava atinguindo esse homem de outras maneiras. Seus colegas de serviço estavam ridicularizando Joseph Smith, e ele sentiu que tinha de saber se as coisas que diziam eram verdadeiras. Se eram, deixaria a Igreja. "Comecei a ler o Livro de Mórmon. Nunca havia tentado compreendê-lo antes. Foi uma experiência maravilhosa. E aprendi a defender a Igreja perante os homens em meu trabalho, da forma como me era possível. Fiquei tão interessado, que realmente estava sedento de conhecer a verdade. Retornei à Igreja. E todo o tempo fiquei surpreso com a calma de minha mulher ao apoiar-me. Em vez de ficar-me atormentando, em vez de dizer: 'Eu lhe disse', como fazia em certa época quando eu começava a retornar, ela simplesmente me tomou pela mão e disse que gostaria de me ajudar no que quer que pudesse tornar-me mais feliz."

"Nunca vi
meu pai e minha mãe
tão felizes
como no dia em que fomos
ao templo, como família.
Aquele dia feliz
foi o clímax de mais de
vinte anos de esforço."

O estudo e a freqüência às reuniões — até mesmo um testemunho sincero num domingo de jejum — foram seguidos por um exame das palestras missionárias, o abandono da bebida, e uma difícil batalha contra o cigarro. "Pensei que seria fácil largar de fumar, apesar de haver fumado durante sete anos — porque sempre tive muita força de vontade. Mas eu tentava e tentava largar e não conseguia. Toda vez que decidia abandonar o vício definitivamente, algo acontecia, e, de repente, me via com um cigarro na

mão e a fumaça saindo da boca. Eu havia escutado histórias a respeito de como o Senhor retirava o desejo das pessoas, quando elas o buscavam em oração, mas até isso não funcionava comigo. Pode ser que eu não tivesse a fé suficiente, ou talvez ele quisesse que eu crescesse mais após essa luta. Eu simplesmente não conseguia deixar de fumar. Finalmente, dirigi-me ao Senhor em oração e prometi-lhe que não fumaria mais, não importa o que acontecesse. Não foi fácil — de fato, até agora, quando sinto cheiro de fumo, tenho vontade de fumar novamente — mas daquele momento em diante, não quebrei mais meu convênio."

"Acho que todas essas coisas não teriam ocorrido, se tivéssemos feito um planejamento. Nossos mestres familiares ensinaram-nos que a melhor coisa que poderíamos fazer era estabelecer metas específicas para o que teríamos de fazer em nossa vida, antes de podermos ir ao templo, e então, é claro, atingi-las no tempo designado. Em primeiro lugar, decidimos que freqüentariamos todas as reuniões. Foi muito difícil para mim, porque trabalhava à noite, e a reunião do sacerdócio começava uma hora depois da minha hora de ir para a cama. Mas assisti de qualquer forma. Em segundo lugar, tinha de começar a viver a Palavra de Sabedoria; em terceiro, pagar o dízimo, e assim por diante. Essas metas fizeram grande diferença. Deram-nos prazos para cumprir, passo a passo, e uma data final, de quando pretendíamos ir ao Templo. Foi o único modo pelo qual conseguimos."

Um casal na Inglaterra foi convidado a freqüentar um seminário especial para aqueles que nunca haviam ido ao templo. "A cada semana, ouvíamos testemunho de muitas pessoas, que haviam sido abençoadas, guardando os mandamentos do Senhor, de pessoas que tiveram que modificar sua vida para ir ao templo. Aquilo realmente nos ajudou. E recebíamos uma nova designação a cada semana, concernente ao evangelho, a qual devíamos in-

cluir em nossas atividades, e realizar durante a semana.” Quando o seminário terminou, sentiam-se preparados para ir ao templo e fizeram as necessárias entrevistas. “Em nove de novembro de 1973, pudemos receber nossos endowments, e fomos selados com nossos filhos, Jon e Jamey, para o tempo e a eternidade. Aquele foi, realmente, o dia mais glorioso de nossa vida.”

Outra irmã conta-nos como sua família pôde finalmente ir ao templo: “É provável que a maior razão por que me tornei completamente inativa, foi o fato de não estar obedecendo à Palavra de Sabedoria, e eu me sentia sempre culpada em qualquer ocasião em que estivesse junto com membros dignos. Meu marido foi transferido para outro estado, e os mestres familiares nos localizaram. Seus nomes eram: irmão Fakatou e irmão Marcek. Uma coisa que me impressionou bem a respeito deles, foi o fato de não fazerem estardalhaço por eu não estar cumprindo a Palavra de Sabedoria. Em vez disso, debateram conosco outros aspectos do evangelho. Ao continuarem suas visitas, sua preocupação e amor tornaram-se evidentes, e nossa memória foi ativada, recordando-se de um tempo em que tudo era muito melhor. O irmão Marcek levou um dia nossas duas meninas para verem os coelhos que ele estava criando. A irmã Fakatou telefonou-me, e conversamos como duas velhas amigas. De fato, toda a ala parecia cuidar de nós e se importar conosco, embora nunca tivéssemos ido à Igreja. Esses mestres familiares e nossos novos amigos da ala, eram todo o motivo por que começamos a guardar a Palavra de Sabedoria e os demais mandamentos do Senhor, para podermos ir ao templo. Vimos quão felizes eles eram, fazendo as coisas corretamente — e sabíamos que poderíamos fazer o mesmo. O dia em que fomos selados foi o maior de nossa vida.”

Testemunhos como esses são incontáveis, e as circunstâncias tão variadas quanto as pessoas envolvidas. Mas, existe um sentimento comum entre todos os que

tiveram a experiência de preparar-se juntos para ir ao templo. “Não foi tão difícil como pensávamos”, diz um casal do Canadá. “Pensávamos nunca ser capazes — mas isso foi antes de nos examinarmos realmente, para ver as mudanças que tinham de ser feitas.” Muitos parecem pensar que uma pessoa precisa ser perfeita para ir ao templo. Mas os que se preparam, esforçando-se honestamente para receber as bênçãos, aprendem que uma pessoa nunca pode esperar ser perfeita sem o templo. O endowment e o selamento são dados àqueles santos que cumprem determinadas exigências, para ajudá-los em seu progresso cada vez maior.

A lista de requisitos
não é longa...

Para ir ao templo, o membro
precisa ser moralmente
limpo, apoiar integralmente
seus líderes, pagar
o dízimo integralmente,
ser honesto com seus
semelhantes, guardar a Palavra
de Sabedoria, guardar
o dia do Senhor, freqüentar
suas reuniões, e
esforçar-se por seguir as regras e
doutrinas da Igreja.

A lista de requisitos não é longa, mas, às vezes, parece inacessível para aqueles que nunca a examinaram, em termos do que precisam fazer para se qualificar. Para ir ao templo, o membro precisa ser moralmente limpo, apoiar integralmente seus líderes, pagar um dízimo integral, ser honesto com seus semelhantes, guardar a Palavra de Sabedoria, guardar o Dia do Senhor, freqüentar as reuniões e esforçar-se por seguir as regras e doutrinas da Igreja.

Um casal que deseje ir ao templo com sua família e ser selado, deve, talvez jun-

tamente com seus mestres familiares, ou líderes do sacerdócio, examinar as qualificações acima, a fim de determinar o que ainda precisa ser feito. Geralmente, descobrirão que se qualificaram em quase todas as áreas. Então eles podem estabelecer um plano que determine exatamente como e quando irão preparar-se nas outras categorias. A maioria achará que não foi tão difícil quanto pensavam — a dificuldade está em comprometer-se e começar.

São grandes as recompensas de trazer a ordenança seladora à nossa vida. Uma filha disse: “Antes de nos levar ao templo, meu pai era um dominador, falava alto e perdia a calma com facilidade. Agora ele é calmo, gentil e amoroso. Enquanto eu crescia, havia ocasiões em que o odiava. Eu dizia a mamãe que ele era como um estranho em nossa casa. Mas agora seu espírito é doce, muito doce; ele se esforça tanto por guardar os mandamentos, que mal posso acreditar que seja o mesmo homem. É maravilhoso. E eu sei que tudo isso é porque ele se modificou, com a ajuda do Senhor, para que pudesse levar-nos ao templo e sermos selados como família.”

— “Após a solução de todos os problemas que o mantinham inativo e afastado do templo, meu avô lamentou-se muito pelos anos que perdera. Sempre que um bebê era abençoado depois disso, ele se sentava e chorava baixinho, porque nunca fora à Igreja quando seus filhos tinham sido abençoados, e nunca havia exercido o sacerdócio para realizar essa ordenança, pessoalmente. Mas ele estava também muito gentil; tornou-se muito humilde e tinha muita paz consigo mesmo.”

— “Costumava odiar-me pelos maus hábitos que tinha. Sabia que estava retardando a mim mesma e a meu marido,

no campo espiritual. Então, um a um, eu os venci, enquanto nos preparávamos para o templo. Sinto que sou uma nova pessoa agora. Sei que minha vida é aceitável a nosso Pai Celestial. É o sentimento mais maravilhoso que já tive.”

Nunca vemos nesta vida a bênção final do selamento. Numa recente reunião de jejum e testemunho, no domingo, uma irmã de nome Sharon contou a respeito de seu filhinho, Paul. Paul morrera afogado em um açude perto de sua casa, e Sharon contou como seu marido e ela sentiram um desespero total. Eles haviam ficado anos sem filhos; Paul viera após várias tentativas e muita oração. Desde os primeiros dias, puderam sentir sua inteligência, amor, e personalidade obediente. A presença de Paul na família havia sido muito desejada; sua morte trouxe grande sofrimento.

Três semanas depois da tragédia, Sharon levantou-se diante dos membros da ala, para dizer como havia reagido a esse teste. Seus olhos estavam secos, mas os seus amigos íntimos sabiam que seu coração estava em prantos.

“Irmãos e irmãs, quero agradecer-lhes a ajuda e apoio que me deram nestas últimas semanas. Tem sido difícil —” ela fez uma pausa e ficou cabisbaixa, no púlpito. Quando recomeçou, sua voz estava embargada, e tinha muita dificuldade para falar com clareza. “Mas quero que saibam, que sei mais do que nunca que nosso Pai nos céus me ama. É muito importante para nós sabermos que o pequeno Paul já atingiu a meta pela qual Max e eu nos temos esforçado durante toda a vida. Estou confortada por saber que fomos selados como família pelo santo sacerdócio. Do contrário, seria impossível suportar tudo isso. Em vez disso, sei que, se formos dignos, estaremos juntos novamente.”

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas apenas para orientação, e não como declarações oficiais de normas da Igreja.



Robert F. Clyde,

Por que é importante que digamos Amém de modo bem audível ao final de orações e discursos?

O emprego da palavra Amém originou-se há milhares de anos. De fato, sempre que a Igreja existiu sobre a terra, a palavra Amém tem sido usada para encerrar, de maneira adequada, orações e prédicas.

No Velho Testamento, Davi encerrou o Salmo 106 com as seguintes palavras: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, de eternidade em eternidade, e todo o povo diga: Amém.” (Salmos 106: 48.)

Falando através de Moisés, com relação ao uso de imagens no culto de adoração, o Senhor disse: “Maldito o homem que fizer imagem de escultura, ou de fundição, abominação ao Senhor, obra da mão do artífice, e a puser em um lugar escondido. E todo o povo responderá, e dirá: Amém,” (Deuteronômio 27: 15.)

No meridiano dos tempos, o Salvador encerrou a oração do Senhor com a Palavra Amém, e Paulo ensinou seu emprego aos Coríntios. (Vi- de 1 Cor. 14:16.)

O Elder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze, afirmou: “Há cerca de vinte ocasiões nas quais o termo é empregado na Bíblia, quase o dobro no Livro de Mórmon, e, além disso, quase todas as revelações de Doutrina e Convênios são encerrados assim:” (Mormon Doctrine, Bookcraft, 1966, p. 32.)

As autoridades Gerais de hoje têm-nos aconselhado da seguinte maneira: “Tem sido aparente um considerável declínio na audibilidade da palavra Amém, no final das orações e discursos, entre as congregações da Igreja. O amém deve ser pronunciado audivelmente por todos os membros, para indicar que aprovam e concordam com o que foi dito. É necessário lembrarmos aos membros a importância de pronunciarem o Amém em todas as reuniões da Igreja.” (Boletim do Sacerdócio, outubro de 1973, vol. n.º 5, p. 4.)

Com todas as instruções e conselhos quanto a encerrar orações e sermões com um Amém, precisamos redescobrir as razões por detrás da prática. Muitas pessoas acham que, quando dizem Amém, estão meramente concordando ou expressando o termo no sentido de “assim seja”, mas na verdade, o significado é muito mais amplo e profundo que esse.

Basicamente, os santos de Deus são um povo que faz convênios. Fazemos convênio ao nos batizarmos, ao partilharmos do sacramento, ao recebermos o sacerdócio, ao obtermos o endowment, e ao sermos selados para a eternidade. A expressão da palavra Amém por parte da congregação é uma forma de se fazer convênio, pelo qual não somente expressamos de modo audível nossa con-

cordância com o que foi dito, mas também prometemos viver pelos princípios ensinados.

Se escutarmos um discurso ou oração, compreendendo que existe algum dever imposto sobre nós de confirmar nossa aceitação com um Amém bem pronunciado, realizaremos várias coisas.

Em primeiro lugar, concentrar-nos-emos mais naquilo que está sendo falado, e, ao escutarmos referências a princípios previamente compreendidos e a convênios anteriormente feitos, haverá maior rededicação de nossa parte. As coisas que prometemos na fonte batismal, ou nas entrevistas com os líderes do sacerdócio, e no templo serão renovadas em nossos corações, e nossos esforços para viver em retidão serão cada vez maiores.

Em segundo lugar, permitirá a cada um de nós comprometermo-nos a obedecer em cada oportunidade, pois o Senhor disse: "...Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor é do que a gordura de carneiros." (1 Samuel 15: 22.)

Em terceiro lugar, a pronúncia da palavra Amém, em conjunto, pelos membros, proporcionará união e proximidade dentro da congregação, e a espiritualidade aumentará entre nosso povo.

Dizer amém é seguir o conselho de nossos líderes inspirados por razões que parecem suficientes para Deus, e, desta forma, soa como mandamento para nós. Seguir tal caminho sempre aumentou e sempre aumentará nossa felicidade.

Marvin R. VanDam,
conselheiro do bispado
da ala vinte de Holladay,
Estaca Salt Lake Olympus.

Nosso único filho morreu recentemente. Sabemos que ele é parte de nossa família eterna, mas ficamos pensando no que poderíamos fazer para que ele fosse parte de nossa família na mortalidade, à medida que vierem outros filhos.

A contínua recordação familiar do nosso pequeno Patrick começou no momento em que dediquei sua sepultura, numa bela tarde de agosto em 1972.

Patrick nascera em Abington, Pennsylvania, e, por causa de complicações ao nascer, viveu apenas seis dias. Vivíamos perto de um pequeno e bonito cemitério, mas, em vez disso, decidimos que ele deveria ser enterrado em local próximo de onde construiríamos nossa casa, ou, pelo menos, em local de fácil acesso para nossas visitas, já que as designações de meu trabalho poderiam exigir que nos mudássemos com frequência, durante muitos anos.

Realizamos, portanto, o funeral e o enterramos em Utah, onde fomos criados, e onde moravam nossos pais. Desde aí, mudamo-nos para dois países da Europa, a serviço, e depois, regressamos a Utah. Somos gratos por termos tomado aquela decisão.

Na oração dedicatória do terreno da sepultura, pedi fervorosamente que nossa família pudesse viver de

modo que fosse digna de ser unida a Patrick algum dia, naquele lugar perfeito em que agora ele se encontra. Seis anos mais tarde, ainda oramos com frequência, por essa mesma bênção, e descobrimos que é importante como incentivo para a família, e todos nos desafiámos para trabalhar com os olhos fitos nessa meta.

Não apenas oramos, para que possamos algum dia reunir-nos e estar juntos outra vez com esse filho especial, e irmão, mas também sentimos que é adequado orar por seu sucesso e bem-estar atual. Entretanto, sabemos que tudo vai bem com ele, por causa da promessa do Senhor, que as criancinhas que morrem na infância são perfeitas, e dignas de habitar em seu reino.

Por estarmos agora em condições de viver próximo ao cemitério onde Patrick está enterrado, estabelecemos a prática de para ali nos dirigirmos, periodicamente, a fim de realizarmos as orações familiares. Às vezes, um de nossos filhos pede: "Podemos parar, na sepultura de Patrick, para orar?" Sempre que fazemos isso, temos uma oportunidade especial de ensino, em que podemos conversar com nossos filhos sobre coisas importantes, sagradas e eternas.

Já que Patrick é, conforme entendemos, parte de nossa família, da mesma forma que qualquer outro dos filhos vivos, cremos que é valioso lembrar-nos de seu aniversário, e até mesmo comer um bolo em sua homenagem. Fazer com que nossos filhos vejam, dessa maneira, a nossa fé plena de que Patrick é real, que seu corpinho ressuscitará, e que poderemos estar juntos com ele eterna-

mente, como família, um dia, é uma vantagem, que nós, como pais, não queremos perder.

Por causa de quatro de nossos filhos terem nascido depois da morte de Patrick, somos gratos pelo livro de recordações que compilamos para lembrá-lo. É branco, e nele guardamos seus certificados, fotografias do hospital, dos funerais e do enterro, correspondências sobre o assunto, e outros pequenos tesouros. Quando mostramos esse livro às crianças, Patrick também permanece real, para aqueles que o conheceram, e torna-se verdadeiro para as crianças que o não viram aqui.

Minha esposa, Sandy, e eu somos muito gratos pelo fato de o Senhor haver permitido que o nascimento e morte desse menino se transformasse em uma das mais belas e espirituais experiências familiares, que tivemos o privilégio de passar, desde nosso casamento. O Senhor fez com que a presença de Patrick, e mesmo sua morte, fossem, de certa forma, doces para nós, e compartilhamos não só a memória de sua pessoa, mas também a recordação daqueles dias, poucos mas especiais, que passamos juntos. Naquela ocasião, estudamos o mais possível as doutrinas e escritos da Igreja sobre as criancinhas que morrem. Como pais e como família, não podemos expressar como somos gratos por essas promessas, e pelo futuro que reservam. Quero dizer que nós, como família, não pensamos e falamos constantemente sobre o Patrick, mas fazemos um esforço consciente para não esquecê-lo, e para não esquecer o desafio e a promessa especial que ele nos deu a oportunidade de fazer.



Eugênia T. Herlin,
presidente da
Sociedade de Socorro
da Estaca de Boston,
Massachusetts.

"Fui chamada para ser a Presidente da Sociedade de Socorro em nosso ramo, e não sei o que fazer. Não sou do tipo executivo."

Sempre me pareceu que o Senhor tem, pelo menos, duas razões básicas, para nos chamar para posições de liderança. Uma delas, é claro, é para que sirvamos, ensinem, e ajudemos outros a crescerem. A outra razão é para que nós mesmos crescamos. Se somos chamados para ser executivos, devemos estar certos de que o Senhor fará que se desenvolva em nós a necessária habilidade — isso, se estivermos desejosos de fazer o esforço. E é exigida grande dose de esforço, mormente no que tange à nossa organização pessoal.

A necessidade mais imediata e marcante é a de informação. Qualquer mulher que já tenha vislumbreado a amplitude e os vários aspectos da Sociedade de Socorro, ficará aturdida, o que é compreensível, ao ser chamada como presidente. Ela precisa tornar-se uma autoridade nos diversos aspectos de todo o programa, instantaneamente. Como?

Primeiro, desde o princípio, existe a fonte básica e ampla de informação: o manual, lido em oração, relido, analisado e sublinhado. Esse livro contém a revelação, instrução,

experiência, julgamento e conselho para a Sociedade de Socorro, e define seu programa. O Espírito iluminará a compreensão da nova presidente que ler seus parágrafos, um a um.

Após ler o manual e buscar orientação do Senhor, ela deverá conversar com a presidente que foi desobrigada, para determinar os pontos fortes e fracos da Sociedade de Socorro, e receber os registros e materiais.

Existe muita informação que a presidente precisa ter sobre cada uma das mulheres a quem servirá: é ativa ou inativa? casada ou solteira? fica em casa, ou trabalha fora? onde mora? quais os seus talentos e experiência na igreja? Quando a presidência se reunir em espírito de oração, para escolher as oficiais e professoras, será útil examinar, pormenorizadamente, os deveres de cada chamado, para ver como se encaixam no potencial de cada irmã. Uma relação clara das responsabilidades e das reuniões a que terão de comparecer deverá ser apresentada às irmãs, pelo bispo, ao serem chamadas, para que não haja mal-entendidos, e para que o bispo possa ressaltar a importância do treinamento de liderança disponível. O bispo, de maneira geral, não terá tais informações à mão, a menos que a presidente ou a conselheira educacional lhe proporcionem — por escrito, para que possam ser examinadas e então, entregues à irmã que foi chamada. Um esboço claro do que é esperado é a melhor garantia de um serviço dedicado. O mesmo cuidado deve ser tomado ao se esboçarem os deveres das professoras visitantes, quando forem chamadas. Entrevistas trimes-

trais cuidadosas com as professoras visitantes são uma fonte de elevação e crescimento espiritual contínuos para as irmãs e para a presidência, e ajudam a cuidar de cada irmã, seguramente.

Nosso Representante Regional, Bryant W. Rossiter, deu-nos algumas sugestões. Diz ele: 1) um executivo bem sucedido é alguém que torna possível às pessoas que lidera também serem bem sucedidas. 2) As designações devem ser dadas com clareza, para que sejam cumpridas num período de tempo especificado. 3) É estabelecida data para o relatório dos resultados e término da tarefa, que é registrada na época da designação. O relatório é solicitado, como planejado.

Rotinas bem planejadas, programadas e seguidas são a base da operação executiva. Isto significa rotinas básicas que não necessitam de debates alentados e decisões demoradas, e podem ser tratadas eficientemente, dividindo-se as designações entre os membros da presidência, para que cada uma saiba o que supervisionar e a quem relatar. Significa esboços de agendas em cada reunião.

Algumas áreas na Igreja têm problemas específicos. Na estaca de Boston, Massachusetts, cada ala e ramo, com uma ou duas exceções, cobre uma área geográfica tão grande ou até maior que todo o vale do Lago Salgado (768 quilômetros quadrados), com as irmãs espalhadas em pequenos grupos, ou isoladas nos subúrbios. Nossa sugestão é o emprego de um mapa pormenorizado, da ala ou ramo, com a localização de cada irmã, bem definida.

A Igreja ganha novos conversos rapidamente, e isso exige imediata e

constante atualização dos registros de membros e designações dos distritos a serem visitados; o emprego correto desses registros pode fazer a diferença na vida do membro, entre a atividade e crescimento, ou o menosprezo e eventual perda. Estar alerta quanto às novas irmãs, e fazê-las bem-vindas é parte essencial e agradável do papel executivo da Sociedade de Socorro no programa missionário da Igreja.

O que foi dito é a essência do corpo executivo — organizado, pronto a funcionar, è preparado para receber "...o fôlego da vida..." (Gen. 2:7.) Talvez eu ilustre melhor como o Senhor introduz a vida nesse corpo, contando-lhes sobre um chamado telefônico que recebi.

Uma presidente de sociedade de socorro, telefonou-me, muito feliz, agitada e comovida com o resultado de uma reunião de oficiais e professores, realizada na noite anterior. Elas haviam comparecido em jejum, e humildes buscavam a bênção do Espírito sobre seus esforços. Uma das irmãs contou como a Sociedade de Socorro e as professoras visitantes a trouxeram de volta, e falou do amor e dedicação que lhe deram. Outra falou das grandes bênçãos do estudo diligente das escrituras; outra falou do grande amor e irmandade existentes na Sociedade de Socorro; e outra falou do conteúdo real e do significado do testemunho e conhecimento da divindade de Jesus e do evangelho. Através da música e do testemunho participaram e cresceram, e o Espírito do Senhor uniu essas irmãs, e houve paz e regozijo. O espírito amoroso e alegre dessas mulheres certamente abençoará toda a ala.



Eu Sou um Filho de Deus



Élder Robert D. Hales

do Primeiro Quorum dos Setenta

É um privilégio para mim escrever para as crianças, que lerão A Liahona, e dizer-lhes algo sobre uma emocionante e vital verdade do evangelho, algo que todos nós devemos entender e lembrar durante a vida.

Esta grande verdade está contida no hino "Sou um Filho de Deus" (Cante Comigo, B.76), que foi escrito pela irmã Naomi W. Randall, com música de Mildred W. Pettit. Nem todos sabem que cada um de nós é filho de Deus. Compreendemos este e todos os princípios do Evangelho, ao estudar as escrituras e escutar nossos profetas.

Na Pérola de Grande Valor, aprendemos que muito antes de virmos a esta terra, vivíamos como filhos espirituais com nosso Pai nos céus, onde uma grande assembléia foi realizada. Lá nos foi dito que nosso Pai Celestial tornaria possível que nossos espíritos viessem à terra, habilitando corpos físicos ou mortais. Aqui teríamos experiências e tenta-



ções; mas, porque ele nos ama tanto, tornar-nos-ia possível retornar e viver com ele novamente. Todos os filhos de nosso Pai Celestial estavam lá. Estávamos tão felizes com

o plano do Pai, que rejubilamos de alegria (vide Jó 38:7.) Entretanto, tínhamos de tomar uma decisão acerca de qual dos filhos espirituais seria escolhido para vir à terra e levar a cabo tal plano.

Lúcifer era um dos mais brilhantes filhos do Pai Celestial. Ele pediu para ser enviado à terra, onde forçaria todos nós a retornarmos à presença de nosso Pai, sem escolhermos por nós mesmos se queríamos ou não proceder corretamente.

Lúcifer era vaidoso e muito egoísta, pois queria toda a honra e glória pelo sucesso do plano do Pai Celestial. Por causa de seu plano haver sido rejeitado, Lúcifer irou-se e rebelou-se. Ele e um terço dos filhos espirituais que escolheram segui-lo, foram expulsos do céu. Lúcifer, cujo



nome significa "O que tem luz", passou a ser chamado de Satanás ou diabo.

Satanás e seus seguidores receberam permissão para vir à terra tentar-nos e tentar influenciar-nos para fazer o mal, mas nenhum deles tem corpo mortal. Eles têm ciúmes de nós e fazem tudo o que estiver ao seu alcance para evitar que retornemos à presença do Pai Celestial.

Jesus, o filho mais velho de Deus, o Pai, ofereceu-se para levar a cabo o plano, que já havia sido utilizado em muitos mundos antes do nosso, e que nos permitiria o livre arbítrio ou a oportunidade de escolher por nós mesmos, a maneira como queríamos viver. Por causa de Jesus, nosso irmão mais velho, amar-nos tanto, ele quis tomar sobre si um corpo mortal, semelhante ao nosso, para mostrar-nos a maneira correta de viver. E também consentiu em sacrificar sua vida, para que de alguma forma celestial pudessemos todos ser perdoados dos pecados, se nos arrependêssemos deles, e escolhêssemos viver retamente, enquanto aqui na terra.

Jesus sabiamente reconhecia que algumas vezes as tentações seriam tão interessantes, tão cativantes, que escolheríamos fazer o errado. Mas em seu plano podemos reconhecer quando agimos mal, arrepender-nos, e ser perdoados. Arrepender-se significa sentir verdadeira tristeza, modificar-nos, ou afastar-nos dos maus atos, pedir perdão, e procurar, com todo nosso coração, viver uma vida melhor.

Como espíritos, reconhecíamos a maravilhosa bênção de receber um corpo físico, e de escolher por nós mesmos o que fazer. Também sabíamos que cada vez que escolhêssemos fazer as coisas corretamente, aumentaríamos nosso reconhecimento e desenvolveríamos nosso caráter e liderança, para que pudessemos tornar-nos perfeitos assim como nosso Pai nos céus é perfeito.

E assim, escolhemos o caminho que Jesus ofereceu para executar o plano de nosso Pai Celestial.

Por sabermos que cada um de nós é um filho de Deus, os maravilhosos pensamentos contidos no hino que leva esse título são especialmente significativos. Quando conse-



guirmos compreender perfeitamente as palavras "Sou um Filho de Deus", nosso testemunho aumentará. Assim, espero, estaremos mais determinados a ter a coragem de dizer "não", quando formos tentados a fazer o mal.

Nosso Pai nos céus tem por nós um amor tão profundo que mal o podemos compreender. Ele nos disse que "... conta o seu povo..." (Alma 26:37), e que cada um de nós é importante para ele. Quer que retornemos a viver com ele e Jesus. Quer que nos comuniquemos com ele em oração, e que lhe falemos de nosso amor, e que expressemos esse amor, guardando os seus mandamentos. Através da obediência, seremos mais semelhantes a ele, desenvolvendo os traços de caráter que ele deseja que seus filhos possuam.

A vida terrena é um passo muito importante em nosso progresso, onde, como irmãos e irmãs, podemos conhecer a alegria de servir-nos mutuamente, e de preparar-nos para a vida eterna juntos.

Adão e Eva foram os primeiros pais na terra. Usavam seu livre ar-

bítrio para decidir a quais leis obedeceriam. Escolheram tornar-se pais e ter filhos que nascessem em seu lar, onde poderiam ser ensinados sobre o evangelho. Seus pais, também, escolheram trazê-los e a seus irmãos e irmãs ao mundo, para que outros filhos espirituais de nosso Pai também pudessem vir à terra.

As recordações da preexistência (o tempo em que vivíamos no céu como filhos espirituais) foram apagadas, quando nascemos no corpo físico. Entretanto, o Espírito Santo pode prestar testemunho a todos de que são verdadeiramente filhos espirituais de Deus, assim como filhos terrenos de seus pais. Isso nos deixa felizes e adiciona significado a nossa vida, pois sabemos quem somos, o que devemos fazer, e para onde vamos.

O Pai Celestial planejou que nossos queridos e bons pais terrenos possam estar conosco nos céus, onde viveremos juntos como famílias eternas. Assim como expressamos amor a nosso Pai nos céus, obedecendo às suas leis e mandamentos, honramos nossos pais terrenos, amando-os e obedecendo-lhes.

Para voltar à presença do Pai Celestial, precisamos usar o livre arbítrio, para sempre escolher o bem. Isto só será possível através de obediência a seus mandamentos e através do verdadeiro arrependimento, se cometemos erros. Escutando e aceitando o conselho e ensinamentos de nossos pais e dos professores na Primária e Escola Dominical, e ainda outros que nos amam, podemos ser liderados e guiados a fazer o bem. Embora não seja possível para eles andarem sempre a nosso lado durante a nossa vida, podemos sentir seu amor e orações. Eles desejam apenas nossa felicidade. Conhecem, pela experiência, que isso não é possível, a menos que vivamos retamente.

Podemos receber orientação do Espírito Santo, se vivermos retamente e dignos desse Espírito. A cada semana, tomamos o sacramento, para nos recordarmos de Jesus Cristo e do que ele fez por nós. É-nos dito que, se guardarmos os mandamentos de Cristo, e sempre nos lembrarmos dele, poderemos ter conosco seu Espírito. (vide D&C 20:77.) Com a orientação do Espírito Santo, podemos encontrar o caminho de volta à presença do Pai Celestial.

Quando o hino "Sou um Filho de Deus" foi escrito, originalmente dizia: "Ensinaí-me tudo o que preciso saber para que eu possa com ele

um dia morar". Todavia, a irmã Randall modificou as palavras, atendendo uma sugestão feita pelo Presidente Kimball.

Há vários anos, bem antes de Spencer W. Kimball haver-se tornado presidente da Igreja, ele compareceu a uma conferência na Califórnia, onde as crianças da Primária cantaram esse hino. Posteriormente, ele disse a uma das oficiais da Junta Geral da Primária que visitou: "Eu amo o hino das crianças, mas existe uma palavra que me intriga. Será que a irmã Randall ficaria aborrecida, se a palavra **saber** fosse mudada para a palavra **fazer**?"

A modificação foi feita. (N.T. = em português, para adaptar-se à métrica da música, a tradução foi feita: "Ensinaí-me, ajudai-me as leis de Deus guardar, Para que um dia eu vá com ele habitar".)

O presidente Kimball havia indicado uma verdade muito importante — que, enquanto é importante saber o que é certo, é mais importante **fazer** o que é certo. Somente dessa maneira estaremos certos de que retornaremos um dia ao nosso lar celestial, para viver para sempre com nosso Pai, seu filho, Jesus Cristo, e nossos entes queridos.

Grande é a alegria que nos advém, quando compreendemos o significado pleno das palavras: "Sou um Filho de Deus!"



De um Amigo para Outro

Bispo J. Richard Clarke

Segundo Conselheiro no Bispado Presidente



Uma das oportunidades mais interessantes que tive, desde que me tornei membro do Bispado Presidente, foi trabalhar com o programa dos Serviços de Bem-Estar da Igreja. Esse programa foi estabelecido em 1936, quando Heber J. Grant era o presidente da Igreja, e agora cresceu tanto, que abrange diversas áreas de nossa vida.

A maioria de vocês já sabe que os Serviços de Bem-Estar envolvem o cuidado dos pobres e necessitados, e ajudar aqueles que não têm tanto quanto nós, em sua casa. Talvez vocês já tenham visitado uma das fazendas de nossa Igreja juntamente com sua família, e trabalhado ali num projeto de serviço.

Conheço uma família que levou seus filhos a uma fazenda do Bem-Estar no vale do Lago Salgado. Os

filhos tinham três, dez, e onze anos, e cada um teve a oportunidade de arrancar ervas daninhas do campo de beterrabas, destinadas à fabricação de açúcar, em companhia de seu pai. À medida que o trabalho ficava mais difícil, a menina de dez anos parou repentinamente, voltou-se para o pai, e perguntou: "Por que estamos fazendo isso, papai?"

Ele explicou-lhe que todo o trabalho que faziam era para ajudar as beterrabas a crescerem. Depois que elas amadurecessem, fossem colhidas e tratadas por processo industrial, o açúcar seria levado ao Armazém Central dos Bispos. O açúcar industrializado, juntamente com vários outros tipos de alimento das fazendas do bem-estar em toda a Igreja, seria colocado nos armazéns dos bispos, para os membros da

Igreja que não tivessem dinheiro suficiente para comprar o alimento de que necessitavam.

O Programa de Serviços de Bem-Estar, todavia, envolve mais que isso. Significa aprender e planejar como desenvolver a nós mesmos e nossas famílias em muitas áreas.

Há mais de cem anos, o Presidente Brigham Young aconselhava as mães e pais da Igreja desta maneira:

"Se a pequerrucha quer bonecas, deverá possuí-las? Sim. Mas precisa levá-las à costureira para vestilas? Não. Que as meninas aprendam a cortar e costurar a roupa de suas bonecas, e em poucos anos saberão como fazer um vestido para si mesmas e outros. Que os meninos consigam ferramentas, e que possam fazer patinetes, carrinhos etc., e quando crescerem, já conhecerão o suficiente do uso de ferramentas, e poderão construir uma carruagem, uma casa, ou qualquer outra coisa." (Discourses of Brigham Young, p. 210.)

Meus jovens amiguinhos, é tão necessário hoje, como era naquela época, que os meninos e meninas aprendam a maneira de se fazer coisas. O tempo para se aprender as técnicas necessárias para quando formos grandes é enquanto somos pequenos. Vocês, meninos e meninas, devem aprender hoje, como cozinhar, costurar e construir. Vocês poderão divertir-se enquanto aprendem, ao mesmo tempo que ajudam suas famílias.

O profeta, o Presidente Spencer W. Kimball, sugeriu também outros modos pelos quais podemos cuidar de nós mesmos e dos outros. Ele pediu que cada família na Igreja armazene alimentos e roupas para um

ano. E também solicitou que cada família tenha uma horta.

Uma família na Virgínia, de oito filhos pequenos, fez uma grande horta, onde cada criança tinha que cuidar de uma parte. Enquanto ela aprendia a cuidar da sua parte da horta, toda a família era beneficiada.

Dois meninos de outra família, tinham a responsabilidade de manter uma lista atualizada de todo o alimento armazenado pela família. Eram encarregados também de conferir o suprimento de alimentos e de informar os pais quando alguns dos itens armazenados precisavam ser repostos.

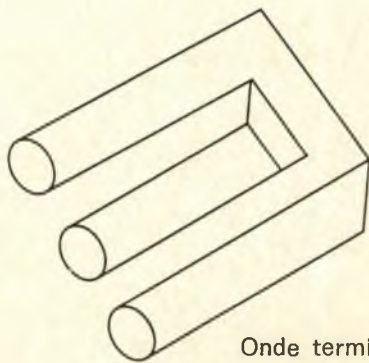
Quer você tome conta de uma horta, mantenha um registro dos alimentos armazenados, costure roupas, cozinhe, construa, ou contribua de qualquer outra maneira útil, quanto mais você souber e fizer, mais você estará ajudando sua família. Que maravilhoso é crescer e aprender técnicas que farão de vocês bons pais e mães um dia!

Estas são apenas algumas das maneiras pelas quais os meninos e meninas podem ser parte do programa de Serviços de Bem-Estar na Igreja. Ao aprenderem e ajudarem suas famílias e servirem seus vizinhos e amigos, vocês encontrarão grande alegria, e nosso Pai Celestial os abençoará por sua fidelidade. Em Doutrina e Convênios, lemos:

"Na verdade, na verdade vos digo, vós sois criancinhas e não compreendestes ainda quão grandes bênçãos o Pai possui em suas próprias mãos e preparou para vós; ... contudo... Vosso é o reino e as suas bênçãos, e vossas as riquezas da eternidade... Portanto, fazei o que vos mandei..." (D&C 78:17,18,20.)

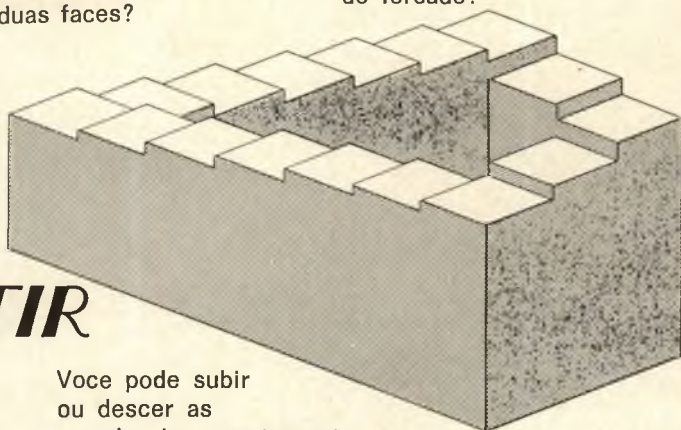


Você vê um vaso de duas faces?



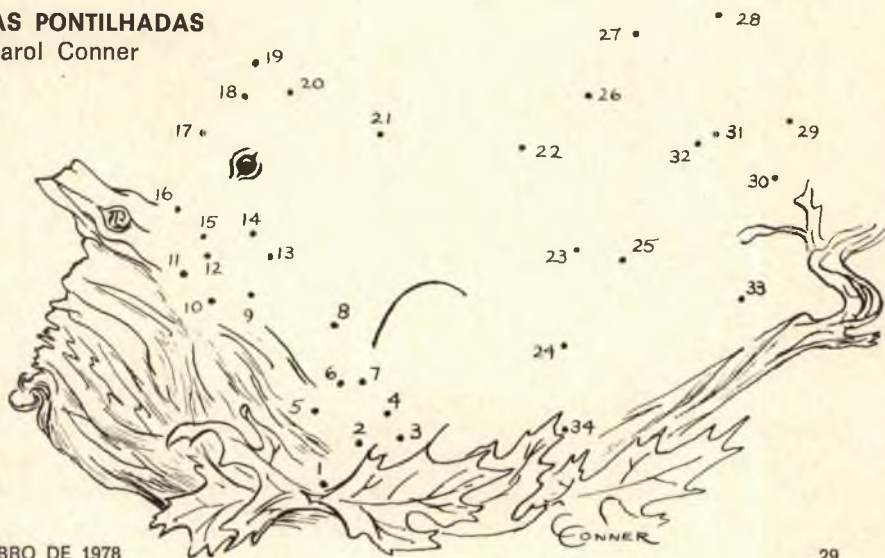
Onde termina
a metade
do forçado?

SÓ PARA DIVERTIR



Voce pode subir
ou descer as
escadas incessantemente

LINHAS PONTILHADAS por Carol Conner





JOHN TAYLOR

UMA CARTA DO EXÍLIO

John Taylor, terceiro presidente da Igreja, nasceu em 1.º de novembro de 1808, em Milnthorp, Inglaterra. Foi ordenado apóstolo em 19 de dezembro de 1838, sob as mãos de Brigham Young e Heber C. Kimball. Foi apoiado presidente do Quorum dos Doze Apóstolos em 6 de outubro de 1877, e apoiado como Presidente da Igreja em 10 de outubro de 1880, contando setenta e um anos de idade. O presidente Taylor faleceu a 25 de julho de 1887, em Kaysville, Utah, com setenta e oito anos.

A história da conversão do Presidente Taylor à igreja, bem como um esboço de sua vida, foi publicada em A Liahona de fevereiro de 1975, p. 17. Para iniciar esta série sobre os sermões e escritos dos Presidentes da Igreja, escolhemos trechos de uma epístola do presidente Taylor e seu primeiro conselheiro, George Q. Cannon. A epístola foi lida aos membros da Igreja, reunidos em conferência geral, em abril de 1886.

Durante esse período, a Igreja suportava terríveis perseguições. Os anti-mórmons que viviam em Utah e em todos os lugares, juntamente com a imprensa local e nacional, e muitos ministros de outras religiões, dirigiram uma campanha de difamação e ódio contra a Igreja, centralizada na doutrina do casamento plural. Como resultado o governo federal dos Estados Unidos aprovou duras leis que negavam o direito de votar, de ocupar cargos públicos, ou servir no júri, àqueles que praticassem o casamento plural. E também, todos os que adotassem o casamento plural, poderiam ser sentenciados

a uma multa de US\$ 500 e até cinco anos de prisão.

Estas leis objetivavam atingir diretamente os santos dos últimos dias. Os oficiais federais enviados a Utah, juntamente com os anti-mórmons que viviam no estado, trabalharam vigorosamente para identificar e processar os membros da Igreja que vivessem a lei do casamento plural. Esposas e filhos foram coagidos a testemunhar no tribunal contra seus próprios maridos e pais. Como resultado, os homens que viviam a lei foram forçados a se esconderem. Entre esses estavam muitos líderes da Igreja, inclusive o presidente John Taylor e seu primeiro conselheiro, presidente George Q. Cannon.

(Joseph F. Smith, segundo conselheiro na Primeira Presidência, servia em missão no Havaí, naquela época).

E foi enquanto estavam escondidos, sob a ameaça de processo, que o presidente Taylor (e o presidente Cannon) escreveram o seguinte:

Embara sejam cruéis as perseguições por nós sofridas hoje temos muito ainda que agradecer.

Nossa terra está produzindo abundantemente. Nenhum lamento de homem ou besta sobe, de nossas fronteiras, até o alto céu, por falta de comida; nenhum pobre pede esmolas em nossas ruas, e a nenhuma alma foi negada a quantidade de alimento para suprir suas necessidades. E com essas bênçãos de bom alimento, roupas confortáveis e abrigo suficiente, temos ainda a inestimável paz de Deus, uma bênção que ele concede ao santo fiel — paz em nossos corações, paz em nossos lares, paz em nossas colônias — uma paz que o mundo não pode produzir e que, graças ao Senhor, o mundo também não pode tirar. Que vossos corações, portanto, irmãos e irmãs, estejam cheios de gratidão e de louvores a Deus, por sua bondade e misericórdia para conosco, como povo. Ele fez promessas concernentes a Sião; assegurai-vos de que não se esquecerá delas. Sião poderá dizer, nas palavras do profeta Isaías: “Já me desamparou o Senhor, e o Senhor se esqueceu de mim.” Isaías 49: 14.)

Mas o Senhor responde:

“Pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre? mas ainda que esta se esquecesse, eu todavia me não esquecerei de ti.

Eis que nas palmas das minhas mãos te tenho gravado: os teus muros estão continuamente perante mim.” (Isaías 49: 15-16.)

Em nenhuma época o Senhor fez com que o seu povo esperasse não

suportar provações ou não ter sua fé plenamente testada.

Logo depois que esta Igreja foi organizada o Senhor disse a seu povo: “Pois, diz o Senhor, no meu coração decretei que vos provarei em todas as coisas, para ver se permanecereis no meu convênio, mesmo até a morte, para que sejais considerados dignos.

Pois, se não permanecerdes no meu convênio, não sois dignos de mim.” (D&C 98: 14-15.)

Não é preciso lembrar-vos de que, se viverdes retamente em Cristo Jesus, enquanto Satanás detém poder, sofrereis perseguições.

Na providência do Todo-Poderoso, a perseguição serve a um propósito muito útil. Todo santo fiel deve perceber e reconhecer isto. Cada um sente seu efeito sobre si mesmo; e vê seu efeito sobre seus amigos e vizinhos. A perseguição desenvolve o caráter. Sob sua influência, todos nós passamos a conhecer-nos melhor que antes de sentirmos sua pressão; e descobrimos características em nossos irmãos e irmãs, que já existiam, mas que, talvez, ignorássemos completamente. A perseguição que temos sofrido, nos últimos dezoito meses, a despeito de muito dolorosa, não tem sido inútil para os santos dos últimos dias. Tem-nos fortalecido, e infundido novo zelo, coragem e determinação para sermos fiéis. Tem também feito que muitos descuidados e indiferentes se levantassem de sua letargia, e renovassem sua diligência na obra de Deus. Tem também trazido à luz a hipocrisia de muitos, e feito com que lançassem fora a máscara da amizade e integra-

ção que envergavam, e passassem a exibir-se em sua autenticidade de caráter. Mas é sobre a juventude de nossa comunidade, que a perseguição deixa suas marcas mais profundas. Muitos dos jovens, de ambos os sexos, quando tudo era paz e não havia guerra perpetrada contra seus pais e amigos, pensavam que poderiam, sem qualquer perigo para si mesmos, ou sua fé, estar em plena integração com o mundo. Santo dos últimos dias e gentio eram nomes semelhantes para eles. Eles julgavam não haver razão que os impedisse de estar em termos de perfeita amizade com ambas as classes. Todos os santos dos últimos dias experimentados sabem quão perigoso é para os filhos crerem e agirem dessa maneira. Mas, desse sonho ilusório, eles acordaram para o rude choque dessa perseguição. A linha divisória entre os santos dos últimos dias e o mundo foi demarcada tão nitidamente, que eles se acham compelidos (a menos que se tenham tornado apóstatas declarados) a ficar do lado de seus pais e amigos; e a diferença entre sua religião e aquela que é oposta, evidencia-se claramente em seu coração e consciência, com uma força que jamais haviam conhecido antes. Esta perseguição leva a geração que ora cresce a um estado de unidade compacta. Está deixando marcas sobre as criancinhas da comunidade, que o futuro não poderá apagar. Elas estão aprendendo a verdade das palavras do Salvador, pela penosa experiência que nossos inimigos estão impondo sobre elas. "Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mun-

do, por isso é que o mundo vos aborrece." (João 15: 19.)

Como o mundo deverá ainda saber, a fé que foi ensinada pelo Senhor Jesus aos Apóstolos, e por eles ao mundo, a fé que produz os mesmos frutos agora, como naquela época, só pode ser extinta em um povo puro, se o destruirmos. Foi esta fé que o Senhor restaurou sobre a terra, e é ela que possuímos. Enquanto os homens que a receberem permanecerem puros, essa fé viverá, prosperará e produzirá os frutos da retidão. Cada santo dos últimos dias já provou isso. Mas a fé precisa ser cultivada. Pelo cultivo ela se desenvolve. O presente é uma época em que os santos dos últimos dias devem dedicar-se à sua religião com todo o ardor de sua alma. Devem viver de modo que possam gozar da companhia do Espírito Santo e de seus dons. Todos os homens e mulheres necessitam desses dons, para que consigam suportar as provas que ainda virão.

A esta altura, parece apropriado advertir novamente, de maneira solene, os oficiais e membros da Igreja contra toda a conduta que leve às coisas imorais e à quebra da castidade. Temos sido falsamente acusados de ensinar e praticar o vício sexual sob a égide da religião. Nenhuma acusação poderia ser mais falsa; pois nenhum sistema de filosofia, nenhum código de ética, nenhuma regra de religião, desde que o mundo existe e foi povoado, já ensinou mais estrita e enfaticamente do que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a extrema necessidade da pureza pessoal nas relações entre os

sexos. Disso os santos estão bem cômescios. Procuremos então fazer com que nossas ações correspondam à nossa fé; pois podemos estar certos de que nenhuma posição de proeminência, nem laços familiares, nem influências das riquezas poderão salvar-nos da penalidade, se quebrarmos a lei de Deus a esse respeito. Mas há poucas semanas, o Quorum dos Doze Apóstolos teve de cumprir o doloroso dever de excomungar dentre os santos, um de seus membros, que violara a lei da castidade. Era um homem de cultura, de experiência, de julgamento sóbrio, membro da Igreja havia muitos anos, mas nenhum desses atributos, nem sua posição elevada no Sacerdócio puderam salvá-lo da penalidade da lei que ele quebrou, tão flagrantemente. E assim como ocorreu com ele, ocorrerá com todos os outros. A lei deve ser administrada pelos oficiais da Igreja com justiça e imparcialidade, sem malevolência contra quem quer que seja, mas com o devido respeito aos mandamentos de Deus, e à honra ao seu Santo Nome. Ouvi, ó Casa de Israel! vós que buscais chegar ao Reino Celestial de nosso Pai — ninguém, exceto os puros de coração, pode ver a Deus; ninguém, com exceção daqueles que santificaram todos os seus afetos e paixões, mediante total subordinação e cumprimento

completo de suas leis, poderá habitar em sua presença eterna! Lembrem-nos também de que a condição de uma comunidade, como um todo, depende das condições dos indivíduos que a compõem; assim como ocorre nas partes, sucede também no todo. Se cada um dos membros de um povo for sábio, justo, inteligente, honesto, honrado e puro, essa comunidade será distinguida entre as demais, por essas virtudes peculiares. Para aplicar a lição a nós mesmos, se desejamos ver a Igreja de Cristo preparada como uma noiva para o Salvador, devemos, individualmente, viver a nossa religião e exemplificar em nossa própria vida aquelas virtudes que sabemos, devem adornar a noiva antes que ela possa entrar na presença do seu Senhor. Este assunto de pureza pessoal, fé, diligência e boas obras não pode ser delegado ao nosso próximo, nem é uma responsabilidade que pode ser colocada sobre os ombros de outros homens e mulheres; mas cada um deve cumprir seu próprio dever, cada um deve suportar suas próprias responsabilidades, cada um deverá pôr sua própria casa em ordem (vide D&C 93: 43), cada um deve magnificar seus chamados (vide D&C 84: 33; 107: 99), cada um deve chegar-se a Deus, se espera que Deus se chegue até ele. (V. Tiago 4: 8.)

*Em nenhuma época
o Senhor fez com que o seu povo esperasse
não suportar provações
ou não ter sua fé plenamente testada.*

PIONEIRA ADOLESCENTE

As Aventuras de
Margaret Judd Clawson

Gordon Irving

Margaret Judd, moça de dezessete anos que atravessou as planícies com sua família, em 1849, no ano da corrida do ouro, escreveu um relato da experiência que é vívida e mostra ainda grande senso de humor. Margaret nasceu em Ontario, Canadá, onde seus pais foram batizados na Igreja, quando ela estava com cinco anos. Na obra "Rambling Reminiscences of Margaret Gay Judd Clawson" (Reminiscências Despretensiosas de Margaret Gay Judd Clawson), escritas mais de sessenta anos



depois da jornada. Margaret ainda retrata seus interesses e impressões de adolescente, indo para Utah, a fim de realizar o sonho de sua família: unir-se aos santos. Três anos antes de chegar a Salt Lake City, Margaret, que contava então quase vinte e um anos, tornou-se a segunda esposa do jovem Hiram B. Clawson, que veio a ser um preeminente comerciante e homem de negócios, e o administrador financeiro do Presidente Brigham Young. Um dos filhos de Hiram e Margaret, Rudger, tornar-se-ia, mais tarde, presidente do Quorum dos Doze Apóstolos. Margaret faleceu em Salt Lake City, em 1912, com 81 anos.

“Após haverem os santos deixado Nauvoo, meus pais duplicaram esforços para conseguir um carroção, suprimentos, e partir para as Montanhas Rochosas. Nesse meio tempo, papai ficou doente duas vezes, o que o atrasou consideravelmente. Lembro-me muito bem das dificuldades que teve para treinar os animais que seriam atrelados ao carroção. Havia seis vacas e dois bois. Os bois já eram bem treinados e muito obedientes, mas as vacas eram selvagens e indomáveis. Ele precisava de auxílio para colocar os jugos sobre elas, antes de começar a dirigi-las. Todas corriam em direção oposta à desejada, ou de repente corriam para trás do carroção e ficavam todas enroscadas.

Bem, isso aconteceu dias e dias, e enquanto papai domesticava e treinava as vacas, mamãe orava. Ela me disse, depois, que muitas noites, enquanto dormíamos, ia até o pomar, nos fundos de nossa casa, e ali derramava sua alma em fervorosa oração, pedindo ao Senhor que nos abrisse o caminho para partirmos com os santos. Ela preferia suportar as mesmas privações que eles, só para estar junto deles.

Outra fonte de ansiedade que a assaltava era o fato de eu ser uma adolescente, na idade romântica dos dezessete anos, e mamãe sabia das suscetibilidades do coração humano, e estava temerosa de que algum jovem pudesse persuadir-me a pensar mais nele que nela, e me indu-

zisse a ficar. Ela não podia viver longe da Igreja e não podia deixar um filho sequer para trás. Assim, meus pais disseram que não poderíamos permanecer ali por muito tempo.

Depois de semanas de trabalho duro, papai conseguiu ter as vacas domesticadas e treinadas, de modo que pudesse dirigi-las e, a nove de maio de 1849, dia em que meu irmão Riley completava dezesseis anos, dissemos adeus a nossos amigos e parentes, entramos nos carroções, e começamos a longa jornada, cheia de acontecimentos. Oh, como o rosto de minha mãe irradiava contentamento! Para que ela iria preocupar-se com as privações e sofrimentos do caminho, se pudesse atingir sua meta?

Nossa primeira noite ao ar livre, após iniciarmos a jornada, foi nas pradarias; acampamos. Papai soltou o gado, para que pastasse. Ele tinha que ficar de olho neles, para que não fugissem. Tínhamos óleo cru em quantidade suficiente para fazer o fogo, e mamãe preparava o jantar, quando, de repente sobreveio uma terrível tempestade. A chuva caía aos cântaros, e nós ficamos todos encharcados. Embora entrássemos no carroção o mais depressa que pudemos, o vento fazia com que a chuva ali entrasse, tal a força com que vinha. É claro que o fogo se apagou, e o jantar foi servido frio, naquela noite. Todavia, na manhã seguinte, o sol brilhou novamente, tudo se-
cou, e nós continuamos a jornada.

Não me lembro quanto tempo levou para chegarmos a Council Bluffs (Iowa), mas lembro-me de que acampamos ali um mês, à espera de companhias que se formassem. Eram necessárias para proteção contra os índios. Oh, que monótona a vida no acampamento, quando não se está viajando! Quão felizes ficamos, quando recomeçamos nossa jornada para Salt Lake City. Tudo era lindo e brilhante. Eu era jovem e sadia. Tudo era cor-de-rosa para mim. As responsabilidades, ansiedades e preocupações ficavam para meus pais.

Em viagens desse tipo, um dia é sempre igual ao outro. Após chacoalharmos no carroção o dia inteiro, acampávamos à noite. Os homens cuidavam do gado, e as mulheres preparavam o jantar. Depois disso, os jovens geralmente preparavam uma fogueira, sentavam-se ao redor, conversavam, contavam histórias, cantavam hinos etc.

Todos tinham que respeitar os limites territoriais do carroção do vizinho, ou seja, toda a terra que era ocupada por juntas de bois, equipamentos, e suprimentos necessários para a viagem. Assim, quando qualquer dos rapazes me visitava, eu estava tão em casa, sentada sobre uma canga de boi, como se estivesse confortavelmente instalada numa poltrona, em uma varanda. Assim é a vida nas planícies.

Meu irmão conduzia uma junta de bois para uma viúva e sua garotinha. A menina era muito meiga e amigável, mas a mãe peculiar. Ele disse que ela fazia mais perguntas em um dia que dez homens em uma semana. Ele era um humorista nato, e tinha a mesma necessidade de fazer piadas que tinha de respirar. Qualquer coisa que ele lhe dissesse, por mais absurda ou ridícula que fosse, ela acreditava. Ele ficava tão cansado de suas perguntas, tais como: "Riley, quanto será que já viajamos hoje?", ou "Quanto será que viajaremos amanhã?", "Será que encontraremos água?", "Será que veremos índios?", "Que será que eles vão fazer?", "Será que serão selvagens ou amistosos?". Suas divagações eram tão maçantes, que ele quase não podia agüentar.

Finalmente, ele pôde vingar-se, quando avistamos uma montanha chamada "Chimney Rock" (Rocha da Chaminé). Qualquer que tenha atravessado as planícies de carroção ou trem, lembrar-se-á de tê-la visto — é um marco na terra — é muito alta, e tem a forma de uma coluna de fumaça, e provavelmente tem séculos de existência. Na velocidade com que viajávamos, podia ser vista vários dias antes de chegarmos até ela. Quando ela começou suas especulações a respeito da

rocha, ela lhe disse, de maneira muito confidencial, que, tão logo a alcançássemos, ele a derrubaria, que ela já estava aborrecida de tanto ouvir falar na "Chimney Rock", que ela já estava lá havia muito tempo. Tão logo ele pusesse as mãos nela, ela cairia. Bem, a viúva implorou-lhe que deixasse a montanha lá, para que outros imigrantes pudessem vê-la, ao passarem por ali, mas ele mostrou-se obstinado. Ela então o ameaçou, dizendo que contaria a Brigham Young, quando chegassem ao vale do Lago Salgado. Aquele era sempre o seu último recurso. Bem, ela a manteve nesse estado de ansiedade durante dois dias, até que estávamos a menos de um quilômetro do lugar. Ele então cedeu às suas petições e disse que deixaria a montanha em pé. Ela ficou tão contente, que lhe deu um jantar especial naquela noite.

Ele não pretendia que sua última piada com ela tivesse as conseqüências que teve. Somente para amolá-la, ele lhe disse, antes de chegarmos ao último 'canyon', o Emigração, que seu carroção iria tombar; que ele de fato, o sabia. Ela lhe disse que, se isso acontecesse, ela contaria a Brigham. E na verdade tomboou, e ficou com as rodas para cima. Era um canyon muito difícil para os homens descerem. Riley ficou surpreso e assustado; era apenas um rapaz e ficou com muito medo. Ninguém trabalhou mais duro que ele para endireitar o carroção. Com a ajuda dos homens, meu irmão conseguiu recolocar o carroção na trilha, que era muito íngreme. Ele parecia muito destroçado, com os arcos todos amassados, mas houve pouquíssimos danos ao conteúdo, e já que era nosso último dia antes de chegarmos ao Vale, foi fácil conduzi-lo. Riley nunca soube se a viúva contou a Brigham Young ou não.

Após viajarmos centenas de quilômetros, a monotonia foi interrompida por um estouro da boiada. Parecia que, quanto mais viajávamos, e mais difícil era o caminho para o gado, com mais facilidade eles se amedrontavam. O estouro

que me deixou com mais medo aconteceu à noite. Já havíamos tido um ou dois estouros antes, de modo que o gado estava preparado para um a qualquer momento. Penso que foi por causa dos índios, ou talvez as grandes manadas de búfalos que víamos diariamente, que nossa companhia foi aconselhada a prender os animais durante a noite. À noite, os animais que eram soltos para pastar, eram vigiados, e depois trazidos para o curral. Este era formado com carroções dispostos em grande círculo, com as rodas tocando-se, e uma abertura por onde eles pudessem entrar. Estando todos ali dentro grossas correntes eram colocadas na abertura, de maneira que eles ficavam seguros.

Estávamos na terra dos búfalos. Tínhamos ouvido falar de quão terríveis eram os estouros de suas manadas, e não demorou muito antes que uma grande manada começasse sua corrida maluca, e quando os da frente chegaram à alta baranca do Rio Platte, atiraram-se e formaram uma ponte para os últimos que se lançaram para a morte e afogaram seus companheiros.

Certa noite, por volta de duas horas da manhã, o acampamento dormia pacificamente, quando de repente, houve um som terrível de marcha pesada e um bramido: o chão tremia, e nosso carroção se sacudia e balançava. Em minha mente surgiu a idéia de que uma manada de búfalos estivesse estourando por ali, e que nós todos seríamos lançados para a morte. Cobri a cabeça e preparei-me para morrer. Mamãe logo me chamou e também a Phebe, já que não vinha nenhum som de nosso pequeno dormitório (a parte frontal do carroção). Respondi sufocada sob as cobertas, para dizer que estava viva.

De repente houve uma modificação. Era o nosso próprio gado que havia estourado no curral. Alguma coisa os havia amedrontado e eles começaram uma carreira selvagem e louca. Principiaram correndo em círculos dentro do curral, e depois arrebutaram as corren-

tes, que os prendiam. Nada conseguia detê-los. Espalhavam-se pelo terreno, por muitos quilômetros. Levou dias e dias até que os homens conseguissem reuni-los e trazê-los de volta, e estavam num estado deplorável. Alguns morreram de exaustão, e outros tiveram que ser sacrificados. Um par de vacas do capitão correu e subiu em uma montanha íngreme, caiu para trás e quebrou o pescoço — um par a menos para puxar seu carroção, e um par a menos para ordenhar. (Oh, o leite, que delicioso! verdadeira luxúria nas planícies.)

Naquele estouro, houve também dois ou três homens feridos, um deles muito gravemente. Era um mineiro que ia procurar ouro na Califórnia. Ele havia alcançado a gente e estava viajando conosco por algum tempo. Os emigrantes da Califórnia viajavam muito mais rápido que os Mórmons. Ao tentar parar o gado, ele foi derrubado e pisoteado pelos cascos dos animais. Seus gemidos eram horríveis. Não o vi mais até que um dia, no inverno seguinte, veio visitar-nos. Durante todo o tempo em que ali esteve permaneceu de joelhos. Ele podia levantar-se, mas não podia sentar-se. Não ouvi falar mais dele, depois que partiu para as minas de ouro. Os velhos vaqueiros dizem que os animais domésticos de chifre são os mais selvagens, quando de um estouro. Isso é estranho, mas parece que todos começam ao mesmo tempo, como se algo os atingisse no mesmo instante.

Nossa próxima aventura interessante aconteceu numa agradável tarde, enquanto viajávamos morosamente. Súbito, os carroções de nossa companhia começaram a correr em direções diferentes, em velocidade vertiginosa sobre as planícies. Acho que nem os cavalos mais ligeiros conseguiriam alcançar nossas vacas. Papai, sentado na parte da frente do carroção, falando e batendo com o chicote em seus velhos bois, teimosos, para que corressem em linha reta. Ele tinha medo de que as vacas se misturassem com as demais parelhas que corriam, ou pudessem virar-se e tombar o carroção, que cairia

em cima de nós, que estávamos dentro dele. Prosseguimos aos trambolhões. Às vezes, éramos atiradas com violência, de maneira que nossas cabeças batiam nos arcos superiores do carroção e assim, caíamos em qualquer lugar, dentro do mesmo. Ninguém pode compreender bem a situação, sem passar pela experiência. Novamente a morte me afrontava, e novamente eu cobria a cabeça. Se tivesse que morrer, não queria ver o processo. Mamãe logo me arrancou as cobertas, e quando chegamos a uma parada, fez um violento sermão, dizendo que eu deveria estar sempre alerta, olhando para fora, procurando a melhor oportunidade para escapar.

Depois de o gado correr o quanto pôde, parou. Houve vários acidentes, e uma mulher morreu. Ela foi derrubada e pisoteada até a morte, deixando vários filhos. Como temíamos estouros da boiada — há algo de terrível naquele amontoado de gado em pânico. Mesmo os seres humanos não são responsáveis, quando o medo sobrepuja a razão.

Uma vaca de nossas juntas era muito inteligente. De fato, era tão esperta, que costumava esconder-se entre os ciprestes, para evitar que lhe colocassem a canga, mas quando papai a encontrava e lhe prendia a canga, ela era bem serviçal e produzia bastante leite. Ela estava muito machucada certa ocasião, e quase não podia viajar. Meus pais ficaram bastante preocupados, já que haviam perdido uma vaca, em outra oportunidade. Estavam com medo de que não pudessem acompanhar o restante da companhia, e minha mãe disse que faria um emplastro e o aplicaria tão logo a vaca se deitasse para dormir. Ela fez um bem grande, que cobria toda a anca machucada. Na manhã seguinte, quando papai se levantou para receber as vacas, gritou: "Mamãe, você aplicou o emplastro na anca errada!" Mamãe responde: "Não se preocupe. Está bem. Ela vai sarar." E de fato, a vaca mancou muito pouco naquele dia, e logo estava boa como antes. Eu sei que havia

uma grande dose de fé misturada com aquele emplastro.

No começo do outono, costumávamos encontrar frutos selvagens, como cerejas silvestres, amoras e algumas framboezas, chamadas de framboeza de búfalo ou indígena, as quais apreciávamos muito. Certa vez, decidi dar uma recepção à noite. Assim, após acamparmos, convidei alguns rapazes e moças para virem e passarem algumas horas em nosso acampamento, junto ao fogo, após terminarem suas tarefas. Convites verbais e repentinos não representavam ofensa, então. Todos gostaram muito e vieram, e ninguém deu desculpas para ausentar-se.

Nesse meio tempo, eu havia solicitado a mamãe que me deixasse fazer algumas tortas daquelas framboezas indígenas. É claro que ela deixou. As tortas eram um grande luxo, e quase nunca eram vistas nas planícies. Eu queria surpreender meus convidados, com a suntuosidade dos comes e bebes. E o fiz. Eu havia disposto as cangas dos bois e outras coisas de modo artístico, antes da chegada de meus convidados, os quais não chegaram tão atrasados, como é costume agora. Após conversarmos um pouco e cantarmos alguns hinos e canções, pedi licença para dirigir-me à despensa (um caixa debaixo do carroção), e trouxe minhas tortas. Ao passar a torta, eu disse, em tom de desculpa, que talvez elas não estivessem tão doces. Um jovem galante apressou-se em dizer: "Oh, qualquer coisa feita por essas mãos seria doce!" E eu acreditei nele.

Depois de servir a todos, peguei um pedaço de torta. Bem, o primeiro bocado que comi, pareceu-me ter sido adoçado com ácido cítrico! Aquela foi a primeira e a última tentativa de se fazer tortas nas planícies. Eu sempre imagino como eles puderam comê-las, mas a etiqueta o exigia. Acho que não havia açúcar em quantidade suficiente em todo o acampamento, para poder adoçar aquela torta.

A melhor das refeições, enquanto estávamos em viagem, na minha opinião, era o almoço, feito ao meio-dia. Mamãe costumava fazer um caldeirão de milho cozi-

do pela manhã, que então era embrulhado para conservar-se quente. Depois da ordenha das vacas, a nata era posta em uma lata, na qual se batia para fazer manteiga. O leite, porém, era colocado ali, e embrulhado, para evitar que derramasse. Quando parávamos ao meio-dia, para alimentar o gado, mamãe costumava trazer para fora o milho e o leite. Era bom demais para pessoas tão pobres! Minha irmã Phebe não gostava. Ela dizia que aquilo sempre fazia com que ela continuasse com fome. Nunca ouvi ninguém reclamar de falta de apetite, enquanto cruzávamos as planícies. Qualquer coisa era doce, com exceção de minhas tortas. Pão e toucinho defumado eram mais deliciosos que pudim de ameixas ou bolo, hoje. Como o ambiente modifica nosso paladar!

A maior dificuldade por que passei em nossa jornada aconteceu um dia antes de chegarmos a Laramie, em Wyoming.

O gado estava cansado, e com os cascos feridos de tanto viajar, suportando a carga. A viagem estava tão difícil, que papai nos disse que pela manhã todos caminharíamos. Não viajaríamos nos carroções naquele dia. Jamais me esquecerei daquela marcha memorável. Nossos canchares afundavam-se na areia, e o gado afundava meia perna, e os vagões metade das rodas. Quando acampamos naquela noite, havíamos viajado dezesseis quilômetros. Pensei que eram mil, e desejei muitas vezes naquele dia que eu pudesse estar em algum local onde as pessoas não ficassem cansadas.

Finalmente, terminamos nossa jornada longa e tediosa, e, na noite de quinze de outubro, acampamos na entrada do "canyon" Emigração. Oh, que gloriosa visão contemplar o vale do Grande Lago Salgado! Na manhã seguinte, estávamos despidos bem cedo, e logo descemos."

Os Registros da Igreja Indicam um Crescimento Rápido

A Igreja aumentou uma média de 611 pessoas por dia no ano passado, ou em outras palavras, mais do que o suficiente para criar uma nova ala ou ramo em algum lugar do mundo, todos os dias.

E, de fato, em 1977 ocorreu um aumento de 541 alas e ramos da Igreja, com uma média de 1.5 nova ala ou ramo todos os dias.

O número de membros da Igreja subiu para 3 966 000, com um aumento de 223 251 durante o ano. Desse total, 167 939 foram conversos batizados.

O relatório estatístico de 1977, mostrando o rápido e constante crescimento da Igreja, foi lido na Conferência Geral por Francis M. Gibbons, secretário da Primeira Presidência e incluía informações sobre unidades da Igreja, número de membros, estatísticas sociais, número de portadores do Sacerdócio, serviços de bem-estar, Sistema Educacional da Igreja, Sociedade Genealógica e templos.

O relatório menciona que o Departamento Genealógico da Igreja está adquirindo registros em 36 países e possui um total de 949 000 rolos de microfimes de 30 m de comprimento que equivalem a 4 517 000 livros com 300 páginas cada.

O crescimento em número de estacas, missionários, conversos, membros e portadores do sacerdócio pode ser melhor sentido através dos gráficos nas páginas e Outras estatísticas contidas no relatório anual, onde são comparadas com as de um e dez anos atrás, são as seguintes:

UNIDADES DA IGREJA:	1977	1976	1967
Número de estacas	885	798	448
Número de alas	5 917	5 481	3 544
Número de ramos independentes nas estacas	1 549	1 422	622
Número de ramos nas missões	1 694	1 716	1 978
Número de missões de tempo integral	157	148	78
Número de países com alas e ramos organizados	54		

CRESCIMENTO DA IGREJA	1977	1976	1967
Crianças abençoadas	95 000	88 522	56 387
Crianças registradas que foram batizadas	62 000	53 591	33 245
Conversos batizados	167 939	133 959	62 280

ESTATÍSTICAS SOCIAIS

Taxa de nascimentos por mil	31,66	29,72	27,55
Número de pessoas casadas por mil .	13,25	13,34	16,11
Taxa de mortes por mil	4,14	4,32	5,05

SERVIÇOS DE BEM-ESTAR

	1977	1976	1967
Pessoas ajudadas com dinheiro ou mercadorias	99 600	110 306	112 055
Pessoas ajudadas pelos serviços sociais SUD	15 000		
Pessoas colocadas em empregos assalariados	16 000	29 657	6 809
Dias-homem de trabalho doado aos Serviços de Bem-Estar	427 000	400 607	130 966
Mercadorias distribuídas pelos armazéns, em quilos	7 990 000		

SISTEMA EDUCACIONAL DA IGREJA

Total de matrículas nas escolas da Igreja no ano escolar de 1976-77, inclusive seminários e institutos ..	362 000	322 587	187 323
---	---------	---------	---------

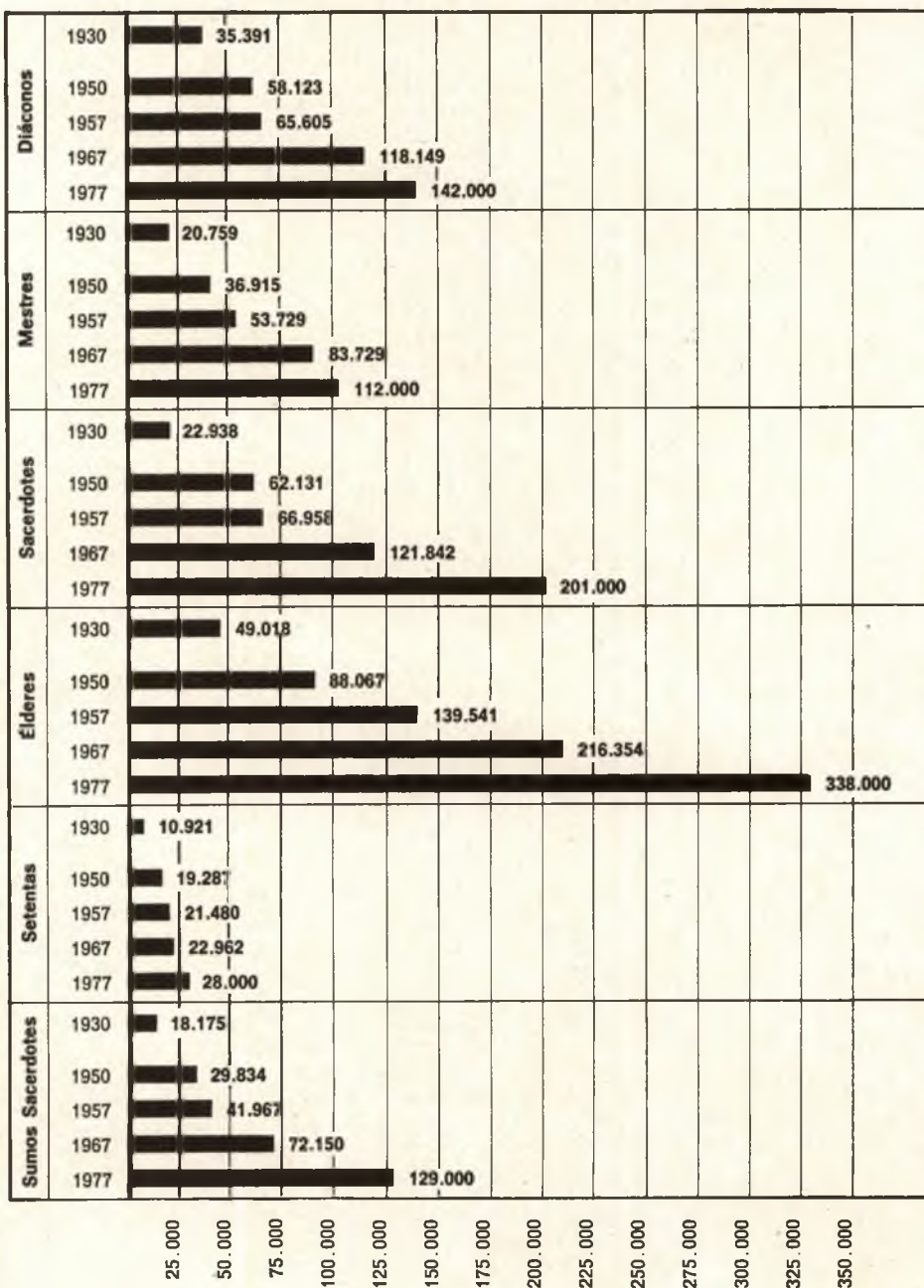
SOCIEDADE GENEALÓGICA

Nomes liberados para as ordenanças no templo	3 374 000	3 539 340	1 986 335
--	-----------	-----------	-----------

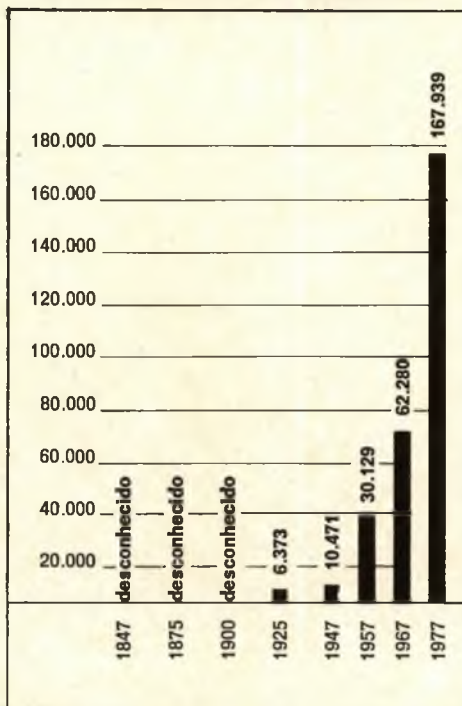
TEMPLOS

Número de "endowments" realizados para os vivos	47 037	43 645	54 826
para os mortos	3 555 118	3 421 793	4 510 940
Templos em funcionamento	14		
Templos planejados ou em construção	6		
Templos sendo reformados	2		

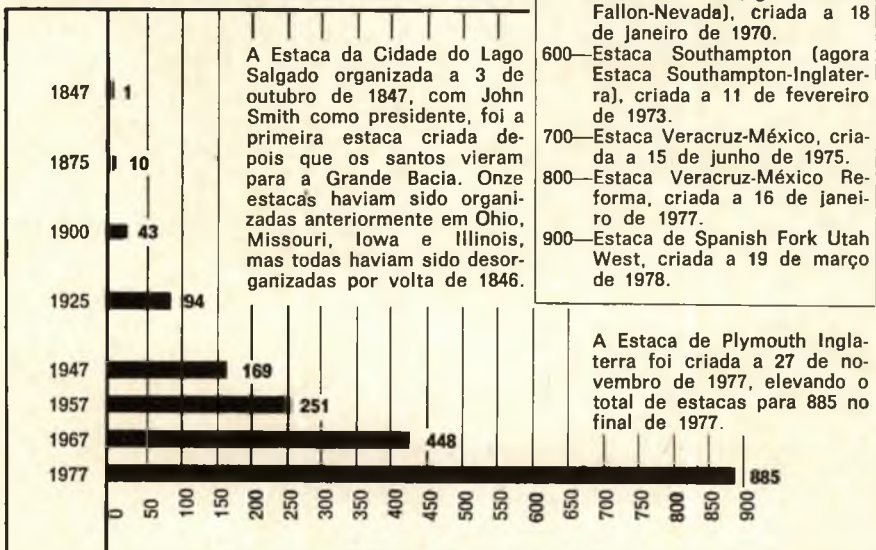
PORTADORES DO SACERDÓCIO



BATISMOS DE CONVERSOS



NÚMERO DE ESTACAS NA IGREJA

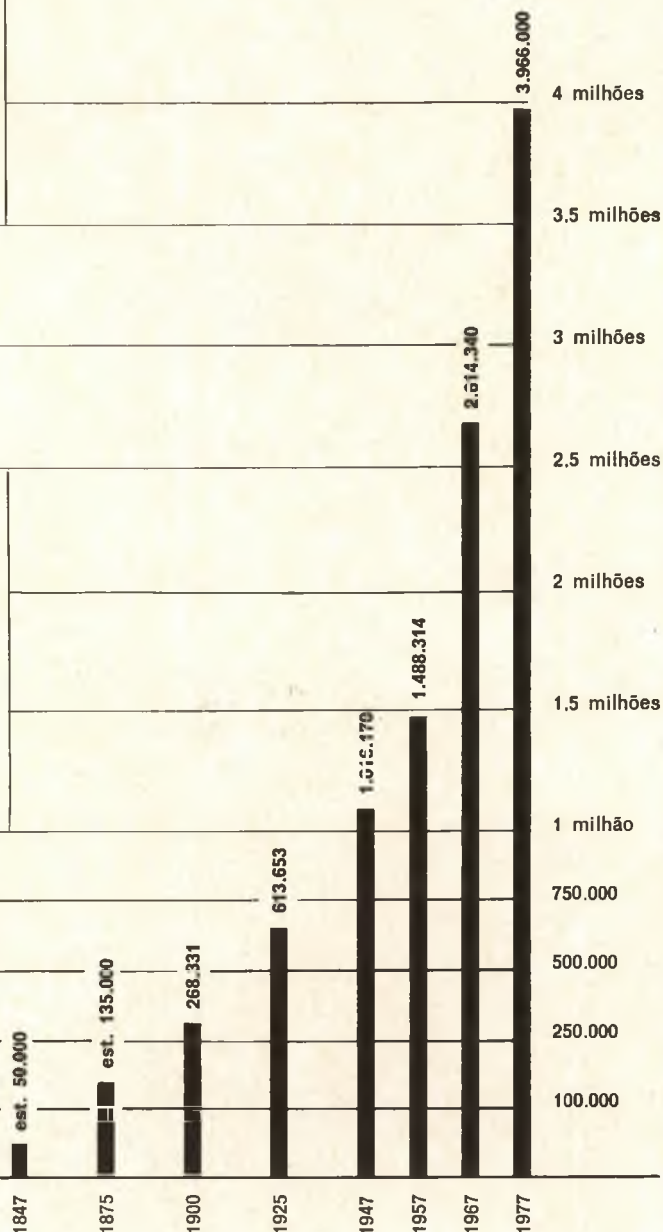


- 100—Estaca Lehi (agora Estaca Lehi-Utah, criada a 1.º de julho de 1928.
- 200—Estaca East Sharon (agora Estaca Sharon East, Provo, Utah), criada a 23 de novembro de 1952.
- 300—Estaca de Toronto (agora Estaca de Toronto-Ontário), criada a 14 de agosto de 1960.
- 400—Estaca Medford (agora Estaca Medford-Oregon), criada a 23 de agosto de 1964.
- 500—Estaca Fallon (agora Estaca Fallon-Nevada), criada a 18 de janeiro de 1970.
- 600—Estaca Southampton (agora Estaca Southampton-Inglatera), criada a 11 de fevereiro de 1973.
- 700—Estaca Veracruz-México, criada a 15 de junho de 1975.
- 800—Estaca Veracruz-México Reforma, criada a 16 de janeiro de 1977.
- 900—Estaca de Spanish Fork Utah West, criada a 19 de março de 1978.

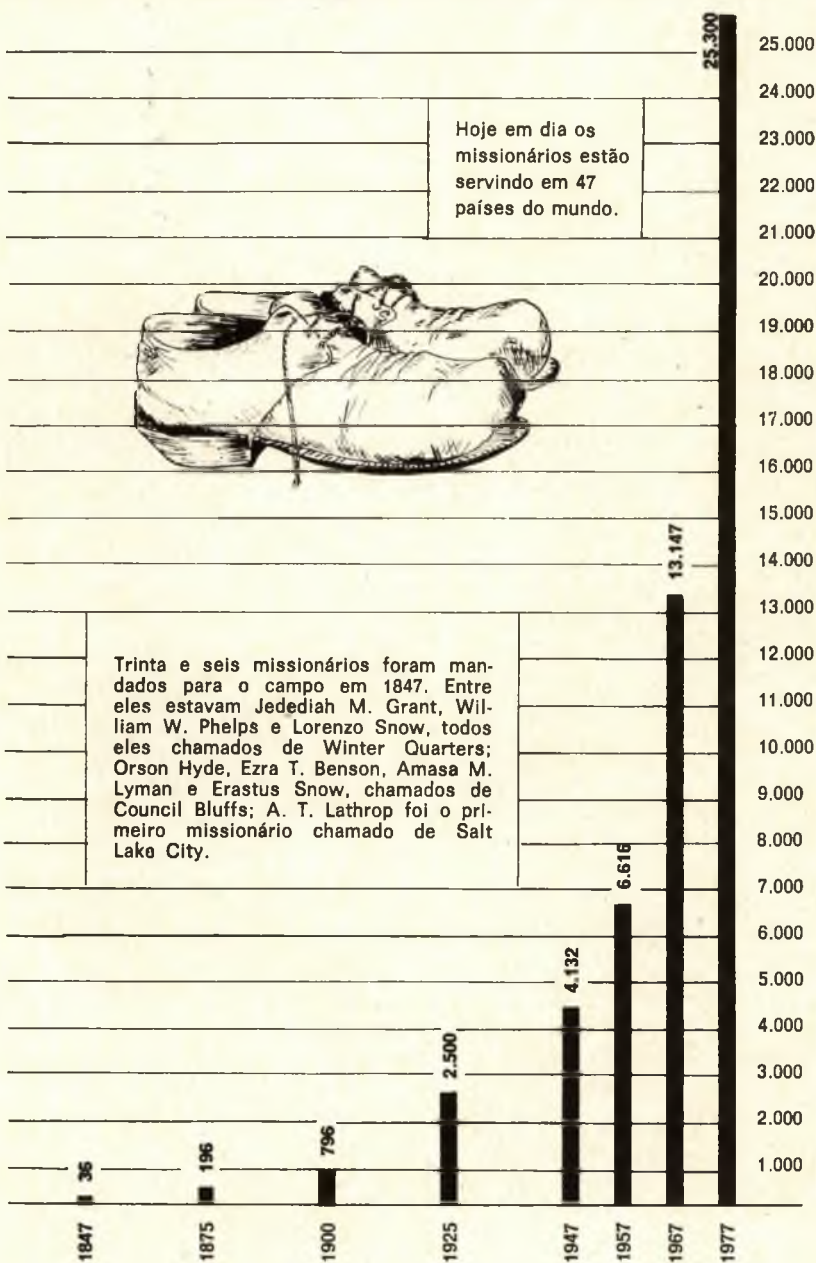
MEMBROS DA IGREJA

A taxa atual de crescimento desde o final de 1977, calcula-se que a Igreja possua agora mais de 4 milhões de membros.

A Igreja foi organizada a 6 de abril de 1830 com seis membros. Esses membros eram Joseph Smith Jr., Oliver Cowdery, Hyrum Smith, Peter Whitmer Jr., Samuel H. Smith e David Whitmer.



NÚMERO DE MISSIONÁRIOS DE TEMPO INTEGRAL



Conferência Mundial da Igreja

Sobre Registros

Planejada para 1980

A Sociedade Genealógica de Utah será a anfitriã de uma conferência mundial sobre registros a realizar-se na Cidade do Lago Salgado, de 12-15 de agosto de 1980, anunciou o Presidente Spencer W. Kimball, a 20 de março próximo passado.

"Tem aumentado grandemente o interesse pela genealogia e pela busca dos antepassados", disse o Presidente Kimball na entrevista concedida à imprensa no auditório do Edifício dos Escritórios da Igreja. "Desejamos aproveitar este interesse e incentivá-lo. Portanto, pretendemos realizar em agosto de 1980 uma conferência mundial sobre registros.

"Como 1980 é o ano do sesquicentenário, o 150.º aniversário da organização da Igreja, pareceu-me apropriado realizar a conferência nesta oportunidade", disse ele.

O tema da conferência será "Como preservar Nossa Herança", o que dará ênfase à procura de nossas histórias familiares e pessoais, assim como à sua escrita.

Uma grande escultura do símbolo da conferência, uma moderna silhueta de uma família de seis pessoas, foi descerrada na entrevista coletiva.

Alex Haldey, autor do livro "Negras Raízes" (Roots) que despertou um interesse enorme pela pesquisa de antepassados e história familiar durante o ano passado, será uma das várias autoridades internacionalmente conhecidas que participarão como instrutores convidados na conferência.

Os instrutores apresentarão cerca de 200 seminários para um grupo que, presume-se, será de 10 000 genealogistas amadores e profissionais, além de arquivistas, historiadores, bibliotecários e demógrafos.

O Presidente Kimball declarou que o sucesso obtido na primeira conferência sobre registros realizada em 1969, na Cidade do Lago Salgado, combinado ao crescente interesse pela genealogia verificado no mundo todo, levaram à decisão de realizar outra reunião mundial.

O líder religioso falou sobre a alegria que o havia invadido ao ler a história da família Kimball na América, escrita por alguns de seus parentes. Falou sobre uma viagem à Inglaterra em 1950, durante a qual pôde visitar uma cidade onde vivera seu 10.º avô.

"O desejo de colecionar histórias familiares e de perpetuá-las está aumentando em todo o mundo e nos satisfaz incentivar esse trabalho", disse o Presidente Kimball. "Esperamos que a segunda conferência mundial estimule a mesma reação de interesse pela história pessoal e familiar. Pretendemos fazer com que todo o mundo compreenda a necessidade de preservar as informações básicas e os registros vitais."

Depois da entrevista coletiva, o Presidente Kimball e seus conselheiros examinaram alguns dos objetos que haviam pertencido a seu falecido avô, Heber C. Kimball, que incluíam um grande e antigo telescópio.

ESTEJA PREPARADO PARA SUAS ORDENANÇAS DO TEMPLO

A medida que você progride no evangelho, aumenta o desejo de ser unido eternamente aos seus entes queridos. Uma de suas primeiras preocupações é a de ser unido à própria família imediata — cônjuge, filhos, pais, irmãos e irmãs. Essa união eterna pode ser providenciada através das bênçãos das ordenanças do templo.

Antes de ir ao templo para realizar as ordenanças seladoras para os membros de sua família imediata, você precisará cumprir certos requisitos, e necessitará preparar um ou mais formulários de Folhas de Grupo Familiar para uso no templo, sendo eles empregados para fazer-se o trabalho do templo tanto para os vivos como para os mortos da família imediata. Estude cuidadosamente as instruções antes de preparar seus próprios formulários de Folha de Grupo Familiar.

Encontram-se alistados abaixo, conforme publicação cód. PBGO72PO do Centro de Distribuição, vários requisitos que você precisa preencher antes de poder freqüentar o templo para sua obra de ordenanças:

1. Se você planeja um selamento no templo, entre em contato com a presidência do templo com bastante antecedência. Podem ser necessárias instruções especiais para que se enquadrem às leis locais. Estas variam de um lugar para outro. Tomem providências bem antecipadas para sua visita ao templo com o objetivo de realizar casamentos, selamentos e batismos.

2. Exige-se pelo menos um intervalo de um (1) ano completo entre seu batismo e sua visita ao templo para receber seu próprio endowment. Você não poderá fazê-lo antes, a menos que seja por per-

missão especial da Primeira Presidência. Você precisará apresentar no Templo uma carta da Primeira Presidência dando tal permissão.

3. Seu bispo precisa emitir, para cada membro de sua família com mais de oito anos de idade, uma recomendação individual para o templo, se ele for receber suas próprias ordenanças. Quando forem ao templo para realizar a ordenança de batismo pelos mortos, essas pessoas podem ser incluídas em uma recomendação em grupo.

As crianças menores de oito anos não necessitam de recomendações para o templo. Crianças que faleceram antes da idade de oito anos não precisam receber o batismo ou o endowment por procuração.

4. Qualquer membro da família que pretenda agir como procurador em qualquer ordenança além do batismo pelos mortos deve, primeiramente, receber seu próprio endowment. As pessoas casadas devem receber seus endowments antes de poderem ser seladas aos seus pais. Pessoas solteiras podem ser seladas aos seus pais sem terem recebido o endowment, se forem apropriadamente recomendadas.

5. Os membros vivos de sua família que forem ser selados a vocês ou a quem você deseje ser selado, devem acompanhá-lo ao templo.

6. Quaisquer membros de sua família que forem receber seus próprios endowments devem levar com eles para o templo o garment de modelo aprovado. Este é usado durante a cerimônia de endowment do templo e depois dela.

7. As recomendações devem ser assinadas pelos líderes apropriados da Igreja e rubricadas devidamente.

CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS

Se sua família tiver condições que incluam casamento consensual, divórcios, separações legais, crianças mentalmente retardadas, custódia legal, filhos de criação, tutelas, filhos adotivos, filhos nascidos fora da união conjugal, filhos de casamentos anteriores, ou circunstâncias semelhantes, aconselhe-se com seu bispo ou presidente do ramo quanto aos procedimentos a serem seguidos. Se, depois de consultar o Manual Geral de Instruções n.º 21, o bispo ou presidente de ramo tiver dúvidas, ele consultará o presidente da estaca ou distrito.

Transcrevemos a seguir trechos de carta recebida nesta redação, mas deixamos de citar o nome da irmã que a escreveu, a seu pedido:

Prezado Irmão:

Ao deixar a sala do presidente do ramo, no último domingo, eu sabia que estava pronto para ir ao Templo fazer as ordenanças sagradas do Senhor. Após vários meses de preparação, e cumprindo diversos desafios que recebi na primeira entrevista que tivemos, para essa finalidade, exatamente em novembro de 1977, ou seja, um ano antes da dedicação.

Lembro-me bem das dificuldades que se antepunham entre a vida que levava e os princípios exigidos para com toda honra e pureza poder adentrar ao Templo.

Como sou grato ao meu querido presidente do Ramo, por ele ter-me mostrado os meios pelos quais eu devia lutar para merecer as bênçãos que iremos receber no futuro e que estão reservadas apenas para

os que fizerem suas ordenanças sagradas na Casa do Senhor.

Posso dizer do fundo do coração que já me sinto outro homem, pois agora já consigo sobrepujar os desejos e as tentações, que me levaram constantemente a quebrar a Palavra de Sabedoria e que conseqüentemente me faziam sentir como um verme, sem moral e sem dignidade para officiar no sacerdócio. Esta situação me deixava desanimado e desinteressado pelas coisas da Igreja e estava a um passo da completa apostasia.

Sou muito grato a vocês da LIAHONA, pelos alertas que me deram durante todos estes meses, pois faziam com que, cada vez mais, me fortalecesse e cumprisse os desafios que o Presidente me fez. Assim passei a pagar dízimo integralmente (e que belo testemunho adquirir com isso). Passei a obedecer a Palavra de Sabedoria, com tal aplicação que hoje até me envergonho das situações ridículas e inconstantes em que me deixava envolver. Passei a assistir às reuniões com muita atenção e empenho. Passei a estudar mais as escrituras.

Sou outro homem, posso afirmar agora; melhor esposo e, conseqüentemente, melhor pai. Sei da responsabilidade que tenho; como esposo e pai, de fazer de minha família uma família eterna.

Oh! Senhor, como te agradeço por abrires meus olhos e os meus ouvidos a tempo! Ajuda-me, Senhor a merecer tantas bênçãos; permite que eu possa ajudar, além de meus familiares, outras pessoas a sentirem Tua presença como eu a estou sentindo. Sou um homem feliz. Eu sou agora convictamente um MÓRMON. Já recebi recomendação para ir ao Templo e pretendo ir lá muitas vezes, e mostrar-te Senhor, com toda a humildade, como Te sou grato por tudo.

O CAMINHO DE VOLTA PARA A IGREJA

Prezado Presidente da Estaca,

Minha felicidade pela volta à Igreja é muito grande. É a maior que já tive. É uma bênção para minha família e me deixa fascinado, encantado, admirado pelos cuidados do Pai Celestial.

O que estou aprendendo, falando com outros irmãos que estão afastados, é muito interessante. Pode, até, ser útil e importante para nos ajudar a trazê-los de volta. Descobri o seguinte:

- 1.º) O membro afastado não gosta de ser convidado para ir à Igreja. É um certo medo. Não sei explicar por quê.
- 2.º) Ele quer distância dos membros ativos, mas gosta de comentar os tempos passados com outros "colegas" de inatividade.
- 3.º) Ele é muito sensível ao comportamento dos membros. É muito crítico. Se um líder errou, todos já erraram ou vão errar...
- 4.º) Todos os que encontrei guardam a semente do Evangelho Restaurado.
- 5.º) Todos apresentam boas desculpas para não ir à Igreja.
- 6.º) Um deles disse-me: "Fui à última conferência de Estaca. Ninguém me viu ou me cumprimentou. Se alguém me tivesse estendido a mão eu teria voltado. Um dos líderes só me cumprimentou "secamente e de longe".

Lembro-me, de minha própria experiência, que alguns me convidaram para voltar. Até com insistência. Eu apresentei boas desculpas e fiz de conta que não ouvi, há anos atrás. Mas sabe que eu ouvi? Sempre me lembrei até das palavras que eles usaram e do olhar. E isso, agora, tem muito valor.

Por isso fui visitar alguns irmãos que estão afastados. No domingo passado eles ouviram minha história com atenção, e agradeceram pela minha visita. Promete-

ram ir até a casa do Elder Bangerter, pois ele pediu-me que fizesse isso. Não fiz nada mais que minha obrigação. Espero que eles voltem!

Soube agora, falando com muitos irmãos que há tempos não via, que eles **nunca** se esqueceram de mim. Devem ter orado por mim. Isso valeu também, é claro. Fiquei muito grato.

A única ligação que tive com a Igreja, em 7 anos, foi uma assinatura que um bispo me deu de presente há um ano atrás. Recebi "**A Liahona**" por um ano!

Eu, literalmente, **devorei** cada número que chegou em casa. Por isso, sabendo de seu valor, estou tentando fazer um número recorde de assinaturas na minha ala. É minha responsabilidade.

Mais uma coisa: os membros poderão ajudar na forma de receber um membro afastado, não perguntando muito sobre o que fez e por onde andou: É claro que um bispo ou presidente deverão fazer isso, mas se os membros ajudarem com amor será mais fácil.

Finalmente, quero dizer que jamais esquecerei do carinho e amor cristão que o senhor, presidente, me demonstrou. Lembrarei para sempre seu gesto amigo e seu abraço sobre meus ombros no dia em que fui à reunião do Sacerdócio pela primeira vez, de volta.

Eu sei o valor de um gesto.

O gesto cria.

Resolvi escrever porque muitos não sabem como se sente um membro que está de volta. Eu sei.

Temos agradecido ao Senhor e orado pela sua liderança e pelo seu trabalho na Estaca.

Minha esposa e meus filhos associam-se comigo em mais um abraço.

Seu irmão em Cristo,

Victor Hugo da Costa Pires

Casal Lombardi Deixou Saudades em Portugal

No dia 30 de março deste ano (1978), o casal Lombardi deixou Portugal e também muitas saudades entre o povo e membros da Igreja.

Durante o tempo de sua missão, Élder Lombardi e Sister Lombardi serviram na Presidência do Ramo do Porto. Élder Lombardi foi presidente do Ramo do Porto aproximadamente um ano. Eles compartilharam o evangelho com tanto amor e dedicação, que foram responsáveis direta e indiretamente pela conversão de muitas almas.

A vinda do casal Lombardi constituiu-se numa bênção muito grande para a Missão Portugal Lisboa. Eles trabalharam incansavelmente. Élder Lombardi com suas próprias mãos construiu o púlpito, a mesa do sacramento e a mesa do secretário, com tábuas que haviam sobrado da reforma feita no prédio da Capela, e aquelas três "peças" fazer uma perfeita combinação, dando à sala de reuniões uma beleza singular. Naquelas mesas e naquele púlpito estão talhados o amor, dedicação e carinho com que eles serviram durante o tempo de sua missão. E não só isso: aquela capela era cuidada de forma peculiar. Os jardins e o edifício foram zelados pelo Élder Lombardi de modo que a capela do Porto tem sido motivo de muita admiração e elogios de muitas pessoas e todos esses detalhes têm-se unido, fazendo com que o ambiente da capela se torne harmonioso e acolhedor, cativando os visitantes e membros.

Além de tudo isso, o Casal Lombardi era o S.O.S. dos missionários que serviram naquela região. Sempre que um



pesquisador ou membro teve o testemunho enfraquecido ou dificuldades em obedecer aos mandamentos, os missionários recorriam ao casal Lombardi, que sempre mostrava boa vontade, fé e carinho, fazendo com que muitas vidas fossem transformadas pelo evangelho.

Como patriarca, o Élder Lombardi deu a oportunidade a muitos membros portugueses de conhecerem (através das Bênções Patriarcais), muitas das bênções que o Pai Celestial tem reservado a eles. Isso foi motivo de enorme fortalecimento no testemunho que este povo possui.

Sentimentos de gratidão cobrem os nossos pensamentos na partida do Casal Lombardi e deixamos votos de louvores pela grande obra que realizaram nesta parte do mundo.

Mais um casal brasileiro parte para Missão em Portugal

O Bispo Antonio Landelino de Barros e sua esposa irmã Ilka Rodrigues de Barros, partiram dia 13 do corrente para cumprir missão de tempo integral em Portugal.

Ele era, desde a fundação da Estaca Rio de Janeiro Brasil, bispo da Ala do Meier.

O casal tem três filhos e dois netos. Uma das filhas, Sonia, recentemente concluiu missão de tempo integral em Porto Alegre. São membros da Igreja desde 15 de setembro de 1968.

No Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, ao despedir-se de dezenas de irmãos e amigos que foram levar-lhe seu abraço e votos de sucesso, o bispo Antonio Landelino declarou que cumprir uma missão de tempo integral sempre foi sua meta, um sonho longamente acalentado e que agora se realiza. Exortou a todos que não tenham responsabilidade com filhos solteiros a seguirem seu exemplo.

John Taylor

Fotografia de C. R. Savage, notável fotógrafo mórmon da época.

Nascido a 1.º de novembro de 1808, em Milnthorpe, Condado de Westmoreland, Inglaterra, John Taylor tornou-se o terceiro Presidente da Igreja, em 1880. Companheiro íntimo de Joseph Smith, foi ferido por ocasião do martírio do Profeta, em Carthage.

John Taylor levou o envagelho a muitas partes do mundo, servindo missão nos estados do leste dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha. Devido, em grande parte, a seus esforços, o Livro de Mórmon foi traduzido para o francês e alemão.

Na foto abaixo, o Bispo Antonio Landelino de Barros e sua esposa irmã Ilka Rodrigues de Barros



